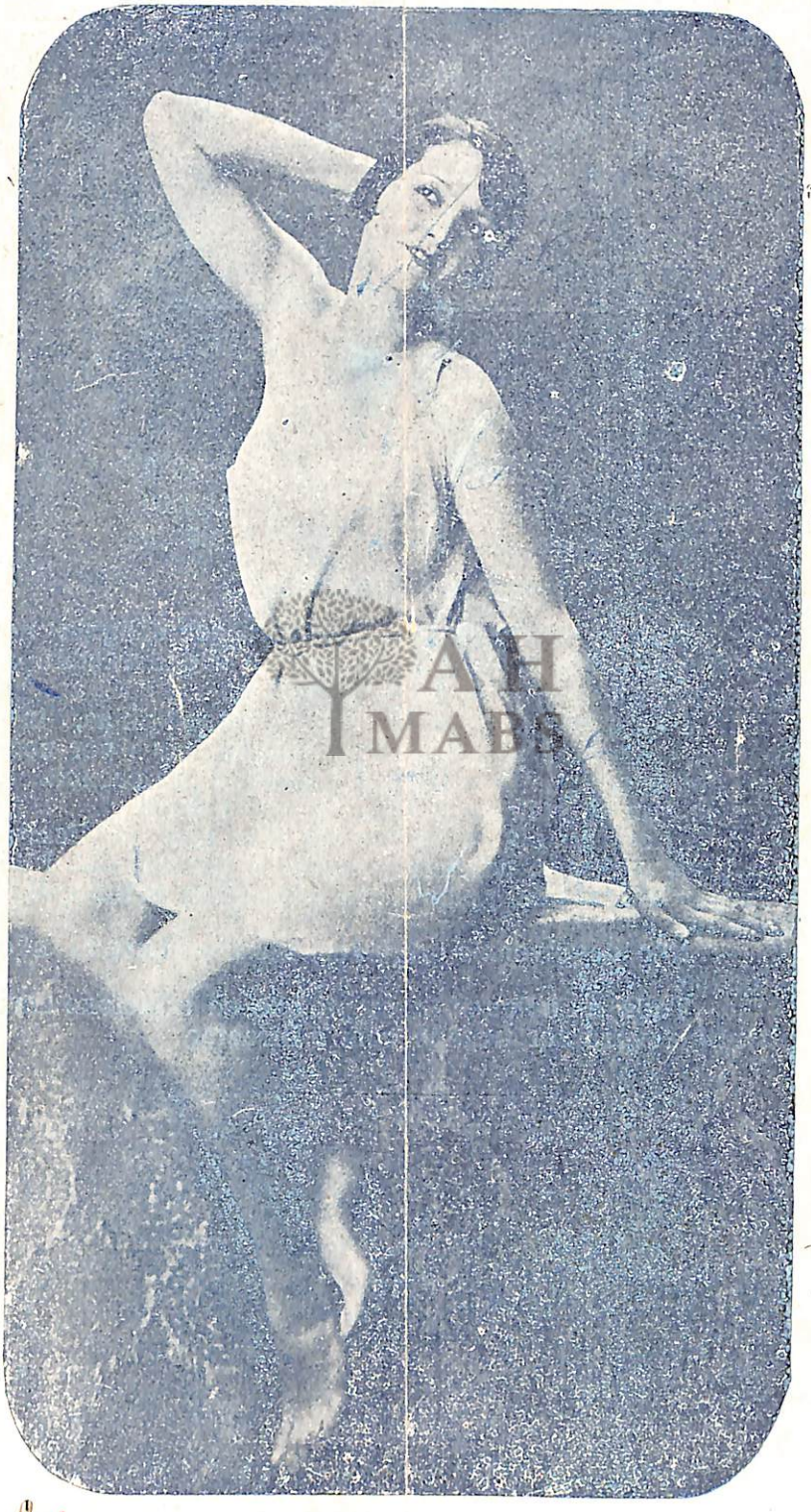
Revista mensal, Literaria, Critica, Humoristica e Illustrada.
DIRECTOR: CASEMIRO BRITES FIGUEIREDO

SULTANA

ANNO I
NUMERO 8

Jundiahy, 28 de Abril de 1929



LIA TORRÁ, a primeira brazileira que surge no mundo do cinema

"SULTANA"

REVISTA MENSAL JUNDIAHYENSE

Expediente

Assignatura annual: 12$000
Numero avulso: 1$2000
Numero atrazado: 2$000

Pagamento adeantado

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao Director, snr. Casimiro Brites Figueiredo e endereçada a Avenida Dr. Cavalcanti n. 84 — Jundiahy.

Publicaremos gratuitamente photographias, instantaneos, « charges », caricaturas etc. enviados por nossos amigos e assignantes. Daremos sempre preferencia a assumptos que se refiram a vida de nossa terra.

Acceitamos collaborações mas não publicaremos artigos politicos, polemicas, criticas ferinas etc. Não nos responsabilisamos pelas ideas expedidas pelos collaboradores.

Não devolvemos originaes, mesmo quando não publicados.

Todo e qualquer assumpto que se relacione com «Sultana» deverá ser tratado com o Director.

MARIA DA GLORIA

LUCAS FALCÃO

Cheguei hontem de uma ausencia de dois mezes na montanha e verifiquei, desolado, que Maria da Gloria tossia. E o que mais me consternou foi não haver sabido occultar a impressão penosa, quando, sacudida, após duas on tres phrases, por um repentino acceso secco, convulsivo, ella, levando à bocca a mão pallida, esguia, exclamou.

— Que tossezinha enjoada!...

Era na Avenida, ao desmaiar da tarde garoenta e fria. Conhecendo-me, de longe, Maria da Gloria acenára, alvoroçada, agitando no ar a «trousse» de ouro. E sorria toda, num impeto quasi infantil, dirigindo para o meu lado os passinhos meudos, «toc-toc-toc», com dois ou tres palmos de canellas finas, em meias cor de carne, acima do asphalto. Sahia do cinema, da morna atmosphera de estufa, asphixiantes de capitosas exhalações humanas, rescendentes a modernissimos peccados e parecia ainda impreganada do exquisito e voluptuoso calor. Afogueado o rosto, os olhos brilhantes, os labios muito carminados rasgando-se como duas cortinas rubras, os minusculos seios, quasi imperceptiveis, pretendendo emergir, velleidades petulantes, de sob o tecido leve, era bem o typo caracteristico da solteirinha impaciente, desabrida e estroina, cujo andar de «fox-trot» traduz e reflecte a mais perturbadora psychologia.

Gabou-me a traz requeimada de sól, mediu-me de alto a baixo com audacias comprehensiveis, e, prefaciava a historia dos ultimos escandalos conjugaes, quando tossiu. Eu aproveitei o incidente para despedir-me. Não pude furtar-me, porem, a que ella me confidenciasse amores recentes, mostrando-me dois cartões postaes recebidos de valetudinario poeta casado, que agora emprehende aperfeiçoar-lhe a depravação espiritual, com acentuado cunho' futurista. E só desgarrou de mim, depois que lhe assegurei um encontro naquella mesma noite, no Palace, onde lhe permittiria dedicar-me dois ou tres maxixes bem requebrados.

Voltei me, de pouco alem para ver-lhe o vulto a perder-se entre a multidão crepuscular. Ao em vez porem, da imagem «foxtrotante», a fugir graciosa e lepida, o que me deparou foi a visão de um dorso fragil, de omoplatas salientes, como duas azas implumes, sob um chapeo immenso, em «abat-jour», abalado por um novo accesso de tosse. E Maria da Gloria, parada áquella hora, no meio do turbilhão indiferente que enchia a Avenida, dava-me a sensação torturante de um ser votado á immolação proxima, em holocausto a uma divindade cruel. Tive impetos de chegar-me de novo para ella, de amparal-a, de conduzil-a. Ao exagero da minha sensibilidade (requintada talvez, e não attenuada, como eu a quizéra, pelos dois mezes de campo) afigurou-se logo a imminencia de uma crise, o assalto de hemoptises, e a mão livida a retirar se de entre os labios, com toda uma floração de sangue.

Cheguei, se bem me lembro, a esboçar os primeiros passos em direcção á creatura afflicta, presa da martellagem martyrisante sobre os pulmões doentes. A lembrança, porem, das pieguices pastaes desmoralisantes do escriptor alludido, deteve-me. Ella, habituada a solicitudes daquella ordem, interpretar-me-ia mal o gesto e as intenções. E, depois, o prolongamento de tal colloquio, susceptivel de ser attribuido a tentativas de concorrencia de minha parte á escola futurista, desagradava-me. Continuei o meu caminho, procurando vencer a obcessão ridicula do semi-virginal thoraz em ancias, dispendendo argumentos commigo mesmo quanto á trivialidade de espectaculos daquelles pela urbe em febre.

De facto, que me importava que Maria da Gloria tossisse? Eu acompanhava de ha muito, com a enternecida sympathia que nos despertam as cousas delicadas e bellas, a evolução da curiosa borboleta humana, fascinada, como tantas outras pela fulguração nocturna da cidade. Fazia a sua apparição de estrella vesper á hora suggestiva dos chás retardados e dos discretos «rendez-vous». Esbelta, serena, com o perfil egypcio vagamente enlevado em algum sonho distante, maravilhosa adolescente, descrevia sempre o mesmo percurso elegante, pelos pontos «chics» do centro carioca, saudada a-

qui pelos conhecidos, alli detida por um grupo de amiguinhas, cortejada mais adeante pelos classicos iniciadores das tortuosidades prevosticas dos "flirts". Tornou-se em breve, a detentora indiscutivel dos grandes premios do tango. Vêl-a, em um salão, retorcer-se serpentinamente, em esgares de Pina Minichelli, era evocar as bacchantes em delirio, em anceios de morbida exaltação.

De tal maneira parecia entregar-se ao arrebatamento dos passos voluptuosos, demonstrando no olhar, nos gestos, na felina desarticulação de todos os membros, uma identificação tão ardorosa e tão perfeita como a propria imagem da sensualidade, que os pares a disputavam num encarniçamento semi - selvagem, como faunos de casaca sobre uma presa excelsa. E ella gosava as scenas de arremetida flagrante, a incontida brutalidade dos concorrentes aos colleios de seu corpo electrisado, acceitando as offerendas de todos, pagando-lhes com o mesmo sorriso, incentivando-lhes as audacias com a mesma complacencia.

Esmacceram-se-lhe, com um anno apenas desses mysteriosos extases de sarcedotiza pagã, as lindas cores da saude. Maria da Gloria adquiriu em expressão de malicioso o que dia a dia, perdia em jovialidde expontanea, irradiante e seductora. Deixou de representar a tentação sadia do amor para symbolisar a inconfessavel corrupção da alma, propensa ao brilho futil das homenagens de dubio tom, de equivocas e offensivas solicitaçõ-es.

Agora, infelizmente, para os seus ardores de instintos, Maria da Gloria começa a tossir . . .

Uma do...

VICTORINO

O sympathco thezoureiro, da nossa Camara Municipal é sem favor nenhum, o maior cultor, em nossa cidade, da difficil arte do sarcasmo e do trocadilho.

Nada escapa ao seu previlegiado talento de escol. Nada escapa á argucia de seus olhos experimentados. Quem o vê e não o conhece, não é capaz de calcular o genio galhofeiro e bohemio, que habita o seu rotundo corpo . . . E' bem verdade, que elle já foi mais gordo, mas ainda o é, máo grado, a molestia que o acommeteu a pouco e que o fez passar maus boccados. Aliaz, com a propria molestia elle brincou e brinca e assim diz na roda amiga em que vive:

— Eu estava precisando de um descanço e esta «doencinha» veio a calhar.

Pois é, exactamente esse homem que nos trazemos hoje a baila, desafiando a mordacidade de seu espirito e a ironia das suas phrases.

Num dia do mez de Março, o Victorino, foi, contra os seus habitos, ao espectaculo do Polytheama, na hora aprazada. Como seus amigos extranhassem essa sua resolução, perguntaram-lhe a razão,

— Ora! Quero assistir a "natural". Faz muito tempo que não assisto a nenhuma e estou com saudades das novidades internacionaes.

Acommodou-se numa poltrona, ao lado do Aguinaldo, e dispoz-se a assistir socegado a exhibição da "natural". Entre as scenas apresentadas na referida pellicula, constava a de um maremoto, que em certa e determinada epocha do anno assola o Japão. E o povo que já sabe o dia exacto em que se realisa esse phenomeno, corre ás praias para assistil-o.

O Victorino trocava ideas com o Aguinaldo sobre o extranho acontecimento, quando ouvia u'a moça, que estava sentada ao seu lado esquerdo perguntar a um rapaz, que lhe fazia companhia:

— O que é maremoto?

O rapaz interrogado, não soube dar resposta á pergunta. O Victorino que a tinha ouvido e não querendo deixar a moça na ignorancia, tomou a palavra e se dispoz á explicação:

— A senhorita me dá licença, que eu responda á pergunta que acaba de formular e para a qual não obteve resposta da pessoa a que recorreu?

— Pois, não cavalheiro. Estou mesmo curiosa.

E o Victorino, com um mundo de ironia a brincar-lhe nos labios:

— Senhorita, maremoto, é . . . é um terremoto no mar . . .

. . . . . .

Quem gozou foi o Aguinaldo . . .

SULTÃO

Quem experimentar o
PURGATIVO SALINO GAZOSO
BOM PALADAR SEM DIETA EFFEITO PROMPTO
CAJÚ PURGATIVO
Nunca mais usará outro purgante
A venda em todas as pharmacias

SECÇÃO FEMININA

Medalhões

Odila M. Chaves — um sonho leve como plumas, roseo como o poente lindo em tardes de primavéra. Um quê de mavioso penetrando em nossas almas, fazendo-as commungar ante a beleza divinisada de rainha . . .

Ophelia S. Leuerbach — uma borboleta azul, como o azul celeste dos céos immensamente grande, linda para figurar em uma rara collecção. Mas . . . quando chega o momento de espetarem-lhe o coraçãosinho com o alfinete do amor, eil-a que abre as azas e ebria pela irradiação de luz lá se vae pelo mundo em fóra . . .

Ignez Taddei — um céo aberto em manhã sem nuvens, espargindo sobre a terra adormecida raios d'ouro como poeira de cristaes partidos . . .

Hilda Carletti — as illusões que ficam do primeiro sorriso nos labios da pessoa amada. As primicias de um grande amor. A mudez dos primeiros momentos. Uma recordação feliz . . .

Djangra Ribeiro — um beijo de sól em manhã primaveril, nas corollas abertas de flores novas e perfumadas A abelha doirada esvoaçando entre flores e sugando-lhes o delicioso mél...

Agenor Vilella — uma sonata tristonha perdida em soluços dentro da noite fria e triste. A chuva fina e fria que cáe tamborilando nos vidros das vidraças, espalhando-se no asphalto das avenidas como perolas liquidas e douradas . . .

Thomaz Pivetta — homem feito astro que paira no firmamento azulado de uns olhos scismadores. E vem, quebrando a ronda tristissima da noite, accordar com a sua irradiação luminosa, a virgem de cabellos negros que espera entre sonhos, o calor dos seus beijos, as lindas phrases de amor . . .

José Brenna — o beija-flôr irriquieto que aladamente corta os espaços, sem pouso certo, sem ninho. E a pensar que em tantos corações encontraria o ninho quente e o pouso em que vivesse, talvez eternamente.

Adelino Martins — filho dilecto de Terpsychore, não pode ouvir os sons melodiosos de uma musica lenta, que não execute célere a valsa da saudade. E valsando leva a vida toda, a brincar com Cupido sem medo algum das suas settas venenosas . . .

Lagrima Occulta

Perguntas indiscretas

Uma nuvem de tristeza que parece habitar nos olhos do Thomaz S. não terá a sua origem no abandono em que jaz o seu coração, orphão de affectos?

O coração voluvel do Aristides M. ainda não se terá cançado de tantas conquistas, que avido dellas, ama a todas sem amar a nenhuma?

Porque será que o amor venceu a timidez do Erasto S. e que hoje o vemos sorridente feliz, trocando juras de amor com o premio da victoria?

Depois de correr o mundo, teria o Victorio J. voltado á nossa terra com o pensamento ainda fixo na deusa ideal de seus sonhos de moço?

Agora, que caminha para a inteira realisação de seus ideaes, sentir-se-á o Thomaz P. inteiramente feliz ao lado de sua linda noivinha?

Por onde andará o pensamento da Zezé O. quando as vezes, na companhia de suas amiguinhas, se abstrahe e parece viver num mundo muito distante?

Porque o sorriso perenne que mora nos labios da Rosinha G. tem mais vida, quando ella tem ao seu lado alguem que muito a quer?

Haverá alguma cousa de mais graciosa, que a Olga M. quando passa pela nossa urb, passeando a belleza de seu rosto e o verdor de seus annns?

Sò, as vezes, no pitoresco sitio onde vive, não sentirá as vezes Barbara F. saudades da cidade, animada pela jovialidade de seu sorriso?

Quando as vezes a Nella P. queda-se silenciosa á janella, estará rememorando algum idyllio iniciado na linda e longiqua patria de Dante?

Mexeriqueira

Postal

Ao Julinho Gandra

CORAÇÕES masculinos! O'! quanto de enganador e trahiçoeiro contem elles! Oh! a perfidia e a ironia vive nos seus ambitos! Mas... não ha regra sem excepção, e o teu coração é uma prova disso. Eu, que leio o intimo alheio e que muito te conheço, sei o quanto de bondade e de carinho elle encerra. Eu, sei quanto elle vibra e quanto elle sabe amar! Teu coração é differente do dos outros homens. Os outros não sentem emoções, são endurecidos. O teu, não. Nem podia ser de outra maneira. Amas, eu tambem, sei. E o teu coração sabe amar porque não occulta aquillo que sente, é sincero. Bemdicto seja pois, o teu coração. Um coração differente dos outros... Um coração masculino, que não alberga a perfidia e a ironia! Um coração, que não é trahiçoeiro e nem enganador! Emfim um coração que sabe ser sincero e que sabe amar!...

PEROLA PALLIDA

Na Escola Normal

Celina Camargo — é o vaso delicado e finissimo, onde repousa, concentrada, a essencia pura e embriagante, colhida numa manhã radiosa, num canteiro onde vive as mais variegadas flores, para perfumarem a sua alma candida.

Angelina Gennari — é a rainha que tem por diadema não pedrarias preciosas, mas os seus lindos a ondeados cabellos castanhos, dando á sua physionomia, a graça e o donaire, que só mesmo uma rainha pode ter.

Dulce Ribeiro — é a flor gentil e delicada da Escola. Tem sempre a brincar-lhes nos labios um sorriso alegre, que acima e que incute no nosso espirito o desejo constante e incontido de sempre estudarmos.

Lygia Araujo — é a dona de uma alma, onde a tristeza não tem azylo. Nas horas amargas dos exames é quem encara sempre com um sorriso o examinador, fazendo brotar em nossa alma a certeza de que não seremos reprovadas.

Francisca Gonzaga — é talvez a mais joven de toda a Escola. Mas os seus poucos annos não impedem que seja tambem a mais estudiosa e applicada. Na sua alma juvenil vive por certo muito de bom, para que ella seja o anjo da classe.

Normalistinha

DIZEM QUE...

... o Aldo S., vae partir para a Europa, afim de contractar professores, para ensinal-o a vencer as futuras provas de cyclismo, em que tomar parte.

... o Armando T., vae tratar de sua transferencia para Jundiahy, afim de ver realisado um sonho que de ha muito vem alimentando...

... o Agenor V., no dia do desastre da Varzea, fez duzentas e vinte e duas viagens, de Jundiahy áquelle local, gastando apenas uma lata de... banha.

... o Luiz P. S., vae compor um poema de amor e dedicar a certa conterranea nossa, cuja imagem não lhe abandona o coração.

... o Plinio C., affirmou que turma de Pingue-Pongue em que elle jogar não pode perder. Elle se encarrega de garantir a victoria.

... o Bemzinho M., fez uma promessa de ir á Villa Arens e voltar á cidade, trinta e seis vezes por dia, sem se cançar.

... o Adelino M., garantiu que se o cartaz de sua casa tem um trevo de tres folhas, é porque a sociedade é de tres irmãos.

... o Paulo M. P., tem de novo por guia na vida o coração de alguem. que por algum tempo o abandonára e que agora voltou.

... o Fernando S., vae propor ao Estado, que vote uma verba especial, para o aperitivo domingueiro dos funccionarios da Colectoria.

... o Fausto P., não quer mais saber de autos. e processos immoveis. Vae mudar de processo, pensando doravante em auto. moveis.

... a jundiahyense mais intrigante continua a ser a

Linguinha de Prata.

Folhas Soltas

Um olhar de mulher tem expressões varias, como as cores do arco-iris: ora expressões que enlouquecem, ora expressões que evitam grandes desgraças. Os mysterios dum olhar de mulher, contudo, ainda não foram descobertos, porque o seu poder abstracto depende das emoçoes sentidas.

—

Só os pygmeus podem temer a sombra dos grandes vultos, porque deante da verdade, elles não passam de vermes, rastejando pela terra, numa ancia louca de subirem até ao alto em que se encontram os grandes.

—

Uma mulher pode ser tida como a mais perigosa harpia, mas, o seu sentimento de bondade se manifesta a todo o momento, porque a sua alma não retem por muito tempo o fel do odio e o seu coração sabe o valor do perdão.

—

O direito a censura é tolerado dentro do possivel e sem offensa áquillo a que o individuo prende o seu nome — a Intenção. A censura systematica é como o carvão, que suja o seu proprio fabricante.

—

Uma lagrima de mulher tem um poder tão grande, que seria capaz de provocar a perdição do mundo, se o homem não se deixasse vencer ao primeiro embate.

MAIO

Maio! Maio!

O poetico e sorridente mez de Maria, ahi vem com seu cortejo perfumado e formoso de rosas. Rosas vermelhas, rubras como o sangue; rosas brancas, puras como a innocencia; rosas amarellas, pallidas como o desespero! Rosas de todas as cores, que serão depositadas da ara de Maria, com a pureza dos corações de suas filhas.

Maria, a meiga, soffredora e compassiva Mãe do Nazareno, tomou para si o mez de Maio, porque o mez das rosas, é o que mais vivamente traz á memoria a lembrança da Sagrada Tragedia. Espinhos do soffrimento flores da recompensa. Espinhos — soffrimentos na terra; flores — recompensas no ceo.

Foi num dia de Maio, que sôou no Brasil um grito de liberdade, um brado de alegria, que representava o anceio de um povo, á liberdade de uma raça escravisada. Quebraram-se os grilhões da escravatura negra, a pecha terrivel, que fazia do nosso Brasil grandioso pela sua extensão territorial e pelos feitos de seus filhos, pequeno perante te o mundo, pela crueldade de ainda ter escravos.

E foi num radioso dia do mez de Maio, que unisono, sôou de Norte á Sul, u'a oração de fé e de gratidão. Fé dos libertadores, no gigantesco futuro, na enorme era de paz e progresso que se annunciava; gratidão dos libertos, ao povo brasileiro, que pela mão da maior de suas filhas contemporaneas, quebrou as algemas que cobriam de opprobio, libertos e libertadores.

Maio, foi pois, o portador de u'a nova bandeira de esperança e de promessa.

Maio! Se o christianismo te ama, o Brasil te venera!

LICINIO VALDEZ

Semblante tão peregrino,
Aberto ao sól de Maio;
Labio doce, purpurino,
Um verdadeiro desmaio.
Soffre quem num puro hymno
Tira um olhar de soslaio,
Indagando do destino,
Num olhar que é como raio;
Ardente, mortal, mofino.

ROSA DO PRADO

—Como vae o Antonio?
—Quatro medicos já o deixaram por impossivel.
—O que é, então, que elle tem?
—Pois, não paga as contas.

— Disseram-me que o Lopes fez o testamento em favor de um asylo.

— É verdade.

— E o que elle deixou?

— Doze orphãs.

TELAS & FITAS

"Amor eterno", é o titulo da ultima pellicula de John Barrymore, produzida pela United Artists e dirigida pelo talentoso director allemão Ernest Lubitch. O titulo "Amor eterno", veio suplantar o de "Rei das Montanhas", primitivo nome desse film. John Barrymore, interpreta o papel de camponez dos Alpes Suissos, typo grosseiro, de caracter duro e temerario. Acompanham-no nesta obra, Camilla Horn, Victor Varconi e Mona Rico, Esta ultima faz o seu primeiro papel com a maestria de uma artista experimentada. O final é tragico, porem, logico é uma prova mais de que os productores de pelliculas, já sabem que o publico está cançado dos desenlaces admiraveis e inverosimeis.

GEORGE O'BRIEN, o astro da Fox que apparece em "Consciencia Velada" e breve em "O Verdadeiro Céo".

"A Dama Divina", é o titulo de uma obra da First National, dirigida por Frank Lloyd e na qual actua a gentil Corine Griffith. O argumento é extrahido das paginas da historia da Inglaterra, nos tempos do Almirante Nelson, idolo da Gran-Bretanha. A senhorita Griffith encarna o papel de Lady Hamilton, a amante historica de Nelson, e este ultimo é representado e muito bem por Victor Varconi. Outros papeis importantes são desempenhados por H. B. Warner e Ian Keith. Ha um grande combate naval magnifico, que nos recorda o film "The Sea Hawk" que o mesmo Lloyd dirigiu com a sua costumada maestria. Esta pellicula é digna de ser vista.

Madge Bellamy — A Fox nos promette o film de Madge Bellamy — «Sally dos meus sonhos». Madge é a garota mais trefega do cinema, a boneca mais deliciosa que encanta os nossos olhos nas suas scenas alegres, festivas, exhuberantes da sua belleza e da sua graça estuante.

Poucas figuras femininas tem grangeado o renome que Madge disfruta no grande reino das sombras.

Neste film de agora vae ella apparecer-nos em um genero differente, interpretando um papel fortemente dramatico. "Mother Knows Best" é um argumento escripto por Edna Ferber, que focalisa uma historia de amor, que se desenvolve num ambiente de grandes emoções.

Louise Dresser e Barry Norton são os companheiros de Madge neste film.

MADGE BELLAMY, a linda estrella, que brilha no film «Sally dos meus sonhos»

Lupe Velez, é uma das poucas actrizes extrangeiras, a quem se concederá a opportunidade de actuar em pelliculas fallantes. Os atelieres da United Artists vão fazel-a actuar junto a William Boyd e Louis Wolheim, sob o megaphone de Lewis Milestone.

David Griffith, o famoso director, acaba de passar a pertencer ao pessoal executivo dos estudios da United Artists. Não podemos assegurar se isto significa o abandono definitivo do megaphone por Griffith, porem, é o que elle deveria fazer, pois já tem bastantes exitos obtidos e demasiada idade para um director.

George B Seitz, ex-actor de pelliculas de aventuras, bastante conhecido do nosso publico, acaba de ser contractado pela Fox, para fiimar uma cinta que se denominará «A nupcia fatal».

A "Universal", prepara-se para filmar um pellicula inteiramente fallada e cuja acção occorre na Italia, no ambiente das companhias de operas. Chamar-se-á «The Climax», tendo Jean Hersholt a seu cargo o papel principal, sendo dirigida por Renaud Hoffman.

PEQUENAS NOTICIAS

Josephine Dun, é solteira e tem dezenove annos.

Franck Mayo, não filma desde o anno de 1926.

Ramon Novarro, é piloto licenciado de aviação.

Alma Rubens, está internada num hospital, soffrendo as tristes consequencias da morphinomania.

John Gilbert, é americano e esse è o seu verdadeiro nome.

Don Alvarado, é solteiro e presentemente não namora ninguem.

FITEIRO

A VOZ DOS SINOS

A primavera sorria, por entre cachos de glycinias e lilazes em flor.

A caminho da pequenina ermida da aldeia, uma outra primavera surgia, num interessante cortejo, por entre ranchos alegres de crianças e risos festivos de alegria. Esta era a primavera da vida!

Ia celebrar-se alli um baptisado; e nos restos da multidão que á porta da ermida se comprimia para ver passar o grupo de convidados, lia-se a curiosidade e a ancia de não perder o mais pequeno detalhe.

Parei tambem, por minha vez e perguntei quem iam baptisar.

— E' o filho do sineiro, me respondeu um rapazito de olhos pretos que esperava as amendoas do senhor padrinho.

O ar de festa, numa aldeia, tem para mim um certo encanto; e o riso das creanças, semelhante ao gorgeio, a um tempo sonoro e timido, de amedrontadas avesitas, prende-me a alma num extase profundo e retem-me a olhal-as infinitas horas.

Assim eu fiquei a tagarellar, até que o som vibrante de um sino veiu despertar-me a sensibilidade.

Então principiou um melodioso repique, primeiro compassado e calmo, depois mais appresado e impulsivo, até se transformar num retinir de sinos que dava a impressão da mais inesperada e alegre melodia que poderia conceber-se.

Era o sineiro, o pae, que de intensa commoção, queria transmittir a toda a aldeia a alegria infinda que mal podia conter dentro do peito!

E o rapazio, no adro, corria agora a rir e a saltar, a ver qual mais podia apanhar "as amendoas do senhor padrinho".

O sineiro, do alto da torre branca, onde os sinos entoavam, sob a sua mão, um hymno de gloria a Deus, olhava tambem a multidão que em baixo se acotovelava, como quem pretende advinhar o maravilhoso effeits de sua musica improvisada.

.. ..

Doze annos se passaram.

Pelas ruas da aldeia caminha agora, vagaroso e solenne, um lugubre cortejo.

Num caixãosito negro, em demanda do pequeno cemiterio vae, pela hora do tarde, um corpo franzino de criança cuja alma se evolou por entre prantos e lagrimas de infinita saudade, de parentes e amigos.

— Sabeis vós por accaso, quem vão a enterrar?

— E' o filho do sineiro, ouvi dizer alguem.

Mas não era necessaria esta resposta,

Do alto da torre branca, os sinos dobravam agora tristemente a finados. E quem ouvisse aquella melodia repassada de dor e de saudade, diria que os sinos, associados á funda magua que pungia a aldeia inteira, lançavam sobre a multidão doridas lagrimas, a cada nova badalada que o sineiro, o pae do pobre morto fazia soar, no meio dos soluços abafados que o não deixavam siquer proferir, sem interrupção, a prece fervorosa que por alma do filho extremecido, pretendia elevar a Deus!

RUY CORDOVIL

Madge Bellamy e Barry Norton em «Sally dos meus sonhos» da Fox.

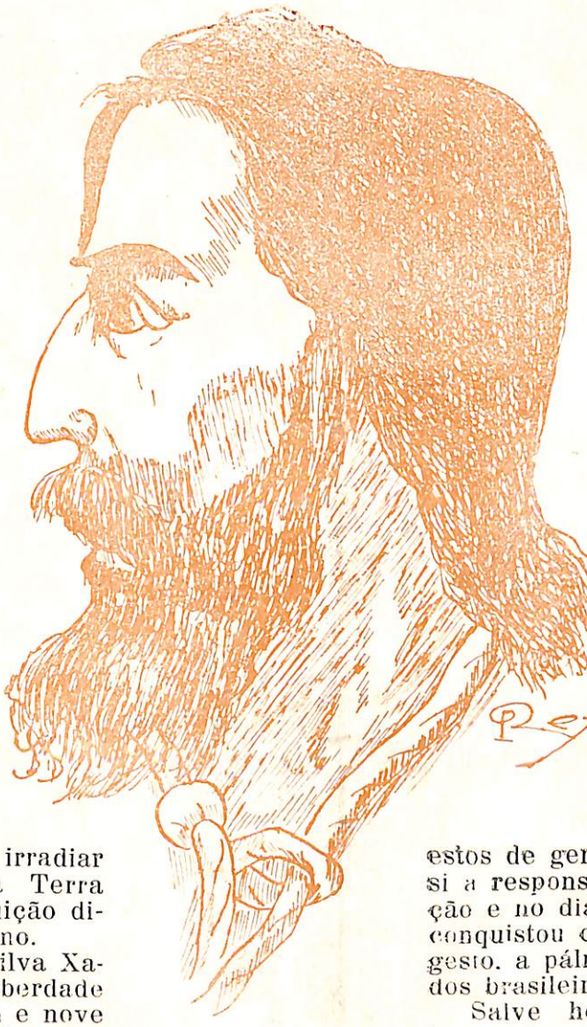
Anno I — Director: Casimiro Brites Figueiredo

Sultana

Num. 8 — JUNDIAHY, 28 de Abril de 1929

Revista mensal, literaria, critica, humoristica e illustrada

TIRADENTES



«Nosso Senhor morreu nú por meus peccados.»

Uma phrase rica de são ensinamento, que finalisou uma grande tragedia. Uma phrase cheia de resignação, que disse da grandeza da alma de um heroe. Uma phrase cheia de cordura, que nasceu ao morrer um martyr.

Tiradentes, o proto-martyr, foi o homem que em 1792 sonhou com a liberdade do Brasil. E o homem que sonho tão grandioso teve, foi declarado infame.

Mas o infame de hontem, vive hoje no coração dos verdadeiros brasileiros, nimbado de luz, a irradiar por sobre a gloriosa Terra de Santa Cruz, a intuição divina do são patriotismo.

Joaquim José da Silva Xavier, sonhou com a liberdade de sua terra sessenta e nove annos depois de Fellipe dos Santos, outro sonhador, que em 16 de Julho de 1720, fôra amarrado a caudas de cavallos, que numa arrancada louca pelas ruas de Villa Rica, esquartejaram-no em poucos minutos.

Mas Tiradentes, era profundamente arraigado ás suas ideas e pertinaz em seus designios. O perigo quanto maior, mais o instigava, mais o attrahia. Mas pobre sonhador... trahiram-te. Alguem que não era brasileiro, que não sentia arder no peito a chamma de amor pela terra do Cruzeiro, tornára-se Judas.

E Tiradentes, que fôra empolgado pelo sonho, foi na hora do martyrio generoso, magnanimo. Seu coração ardente, em estos de generosidade, chamou a si a responsabilidade da Conjuração e no dia 21 de Abril de 1792, conquistou com a bellesa de seu gesto, a pálma eterna da gratidão dos brasileiros.

Salve heroe! Morreste pelo teu sonho, mas soubeste tambem morrer pelo teu Deus:

«Nosso Senhor morreu nú por meus peccados».

A Rainha da Belleza

A' senhorita
Odila Miranda Chaves
a mais bella filha da terra jundiahyense.

Manhã de orvalho.

O sól, põem a medo, o seu enorme globo de luz, por entre as nuvens cerradas. Nuvens brancas por sobre nuvens ligeiramente rosadas. E' como se fosse um labio enorme de mulher bonita, carminados de leve. Linda alvorada.

Num jardim, uma roseira, orgulhosa, erguia seus ramos aos ceus. Numa haste, uma linda rosa, se abria lentamente, deixando entrever duas lindas gottas de orvalho. Brilhantes como a mais pura gemma as humildes gottasinhas, quedavam-se silenciosas, quando os raios esquivos do sól acordou-as.

— Irmãzinha, de onde vieste? A que horas chegaste?

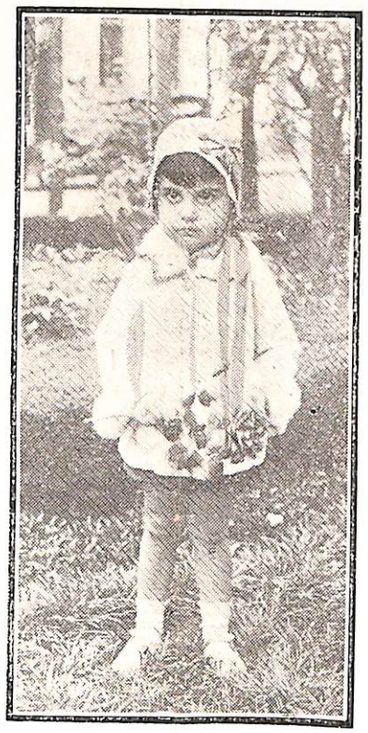
— Cheguei comtigo e vim do mesmo céo de onde vieste.

— E que é feito daquella doce obscuridade em que viviamos? Ouço agora um bulicio extranho que não ouvia antes!...

— Oh! minha irmã, como és ingenua. Não vês que o astro rei, surge lentamente nos ceus e que dentro em pouco o calor de seus raios nos fará evaporar e retornarmos ás regiões de onde viemos!

— Como sabes isso? Onde aprendeste essas cousas? Pobre de mim, como sou ignorante!... Mas... deixa-me lembrar...

— Força o teu pensamento, pequenina gotta de orvalho! Se é possivel ás gottas de orvalho pensarem, tu te recordarás de



Por entre os canteiros floridos do jardim, surge uma flor em botão. E' a mimosa Therezinha filha do snr. Alceu Toledo Pontes e exma. snra. d. Sylvandira A. Pontes.

nossa viagem e de nossa chegada a esta linda corolla de flor!

— Mas meu cerebro está embotado! E' rebelde!

— Pensa, irmãsinha, mas, pensa depressa. A nossa vida é ephemera!

— !?...

— Vou te explicar: Quando por sobre a terra se extendeu o manto negro da noite, começou a cahir paulatinamente, o orvalho. Foi cahindo... cahindo... Accumularam se no seio desta rosa em que vivemos, pequenos atomos e esses pequenos atomos accumulados, foi que se transformaram nas duas humildes gottas, que somos nós. Vês como é facil a explicação?

Lentamente, o sól ia dominando a terra. Seus raios, iam se aquecendo e as gottas de orvalho iam-se tornando pequenas.

A gotta sabida, condoida de sua pobre irmãzinha, approximou-se um pouco mais e uniu-se a ella. Já não eram duas gottas de orvalho. Era uma só. Dentro em pouco talvez desapparecessem...

A rosa, sobre a influencia dos raios solares abriu-se completamente. No seio da corolla brilhava limpida uma gotta de agua. Eram as duas irmã unidas.

Por sobre a areia fina do jardim, resoam passos leves de mulher. E' moça. E' moça e é linda. Approxima-se. Encantada com a belleza da rosa, baixa ligeiramente o busto de linhas puras e aspira vagarosamente o perfume embriagante da flor.

Gostou. Colheu-a com cuidado. Enlevada, admira-a ainda uma vez e depois, num gesto lindo, senhoril, altivo, de rainha, leva-a á bocca e beija-a demoradamente.

Sentiu nos labios uma sensação agradavel. Gelada gotta de agua humedecera-lhe os labios carminados pela cor natural que só a saude pode dar.

Era a gotta de orvalho. Eram as duas irmãzinhas.

Sugou-a ávidamente e dos labios purpurinos a gotta de orvalho desceu para sempre ao seu coração puro e innocente de donzella linda e amimada.

A rosa foi habitar, collocada por suas divinaes mãos, os seus cabellos negros.

Unica testemunha da palestra entre as gottas de orvalho, só a rosa conhecia o seu segredo. E assim murmurou de si para si:

— Gottas de orvalho! Deixasteis o ninho tepido de minha corola e não te evaporasteis, procurando o ceu. Não. Sugadas pelos labios de uma virgem fosteis morar em seu coração. E essa virgem que fez do seu coração um throno para vós, é de ha muito senhora de um outro throno, é de ha muito rainha — E' a mais bella de uma cidade! E' a rainha excelsa da belleza jundiahyense.

Gottas de orvalho, não vos evaporasteis! Fosteis imperar num throno de rainha! Eu te bemdigo, assim como tambem bemdigo os labios puros que te recolheram e te guiaram até o coração!

IVAN, *o violinista*

PAGINA MINIMA

E' o titulo de uma palestra feita no centro de Cultura Artistica, de Paranaguá, no festival Pró Monumento â Mãe Preta, pelo nosso distincto e fecundo coilaborador, Dr. Leocadio Correia, e contida em bem feito opusculo, que com gentil dedicatoria, nos offereceu o seu auctor.

E' um trabalho vigoroso, atravez do qual resaltam um talento de escól e um espirito patriotico, eivado de u'a sã gratidão pela Mãe Preta, "aquella que carregou em seus braços a Nação Brasileira".

Não nos furtamos á tentação de para aqui transcrever um topico dessa palestra, para darmos aos nossos leitores uma parte do prazer que sentimos com a sua leitura.

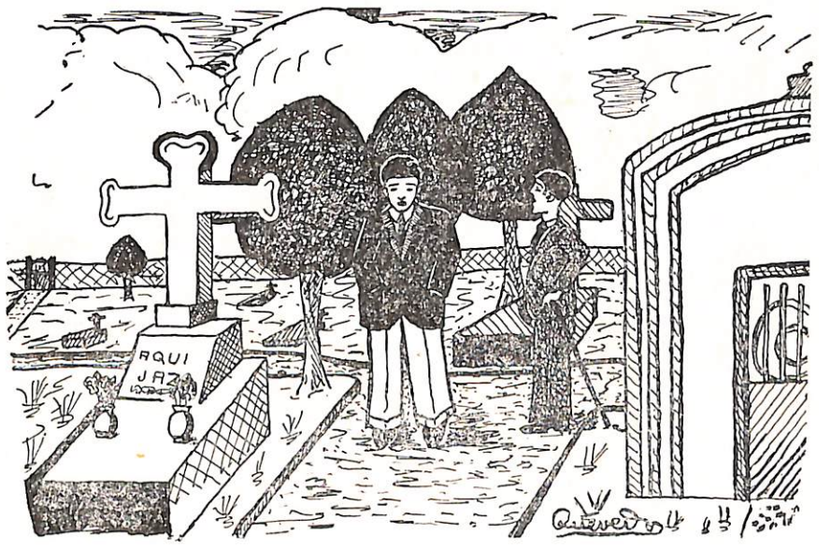
Eil-a:

«Hontem, palavra que me traz tantas recordações, tantas saudades de horas já vividas, no festival pró-herma da Professora Julia Wanderley, no Theatro Variedades; no Gremio Primavera, junto aos Democraticos, homenageando Didio Costa, essa figura moça de administrador que tanto aqui está beneficiando minha terra; no Gremio Iris, junto ao velho Literario, fallando sobre "As flores"; no Gremio Primavera e no historico Republicano, dizendo do "Torrão Paranáense"; hoje, aqui no Centro de Cultura Artistica, não com o enthusiasmo daquelle Demosthenes, mas, com o coração inundado de alegrla por ver que o meu berço natal não ficou indifferente ao movimento que se vem fazendo em torno da Mãe Preta, pro-

AINDA O CONCURSO DE BELLESA

"No concurso de bellesa; appareceram alguns eleitores que de ha muito dormem o somno eterno."

Dos jornaes.



— Que estàs fazendo aqui no cemiterio?

— Estou cabalando para o Concurso de Bellesa.

IMABS

porcionando-me ensejo para tambem concorrer com esta PAGINA MINIMA no festival em beneficio do monumento que glorificará a raça negra.

O movimento desenvolvido de norte a sul da nossa grande Patria para a glorificação da raça negra com um monumento a levantar-se no Rio de Janeiro, homenageando a Mãe Preta, é daquelles que por si só fallam bem alto dos sentimentos de um povo. Publicada tão grande idea nascida, não ha contestar, de um cerebro previlegiado, tornou-se ella a bandeira de uma das mais formosas cruzadas em que a intelligencia brasileira já tenha tomado parte para realisal-a.

Paginas admiraveis, paginas emocionantes, fartamente ficaram impressas, illustraram muitos jornaes, muitas revistas, para enaltecerem a Mãe Preta.

A Mãe Preta, é esse typo de mulher que inda conservo na retina de minha alma e chamava se "Mã Justina", e que nesse passado já tão distante da minha infancia formosa, me aconchegou ao peito apojado ou embalou-me em seus braços ao som rythmico e suave das cantigas maternaes, na toada carinhosa e doce da voz humana, olhando o Itiberê a deslisar mansamente, com estes versos:

Tutú marambaia,
Não venha mais cá;
Que o pae do menino
Te manda matá!

Ou, o mesmo fez com alguma das patricias que me estão ouvindo. assim:

Menina boni'a,
Não dorme na cama:
Só dorme no braço.
De sua mucama.

Quem dos tempos de dantes não conheceu a Mãe Preta? Raros serão aquelles que me responderão não conheceram uma "Mã Faustina", uma "Tia Candida", uma "Tia Josepha", uma "Tia Joaquina", uma "Tia Domingas". Todas, envoltas num halo de caricia para tratarem de "Nhanhá", de "Sinhô Moço", de "Sinhá Moça", de "Meu Sinhô".

A Mãe Preta, na commovida phrase do nosso Rocha Pombo, carregou nos seus braços a Nação Brasileira.»

Este trecho que acabam de ler traduz bem a profunda affeição que o seu auctor dedicou á sua "Mã Faustina", e que não poude sopitar o desejo de torna! a conhecida.

Felicitando o autor, pela bellesa de sua palestra, agradecemos a gentilesa da offerta.

Em plena primavera da vida, a snrta. Isaura Madeira, que soube tornar-se querida pelo encanto e sympathia que de si irradiam.

O Gabollas

Alvaro, era um desses rapazes, que muito cedo ainda, deixàra o aconchego materno, e se infiltrára na vida agitada e faustosa da Capital, onde devido a sua loquacidade e intelligencia arguta, captára optimas sympathias. Seu unico defeito, que alliaz, seus bons amigos procuraram em vão corrigir-lhe, era ser demasiadamente gabolias; de resto possuia elle um coração de ouro e um comportamento irreprehensivel, advindo dessas nobres qualidades, as mais francas e cordeaes amizades.

Os seus intimos, perdoavam-lhe essas suas jactantes fraquezas, e gozavam, até certo modo, suas atrapalhações quando ao perguntarem sobre qualquer ponto em que periclitava a veracidade, elle não sabia esclarecer devidamente. Quantas, quantas vezes, a sua imaginação de gabollas contumaz, percorria cidades e paizes extrangeiros, que jamais conhecêra e era com tal arte por elle feita a descripção, que, os que não o conheciam, acabavam acreditando, que de facto elle lá estivéra.

Nos bailes da Capital, onde sempre se apresentava com assiduidade, gostava de, para embevecer seu lindo par, descrever com elegancia, as peripecias de uma viagem de recreio, aos "boulevards" parisienses, as caminhadas estafantes, atravez os nevosos montes da pittoresca Suissa, entre as antigas ruinas da millenaria Roma, os passeios, nas tardes de verão, pelas avenidas do Rio, as suas tragedias nas perigosissimas caçadas, nos sertões brasileiros, emfim, desfiava um rosario de aventuras, que, só mesmo sua imaginação doentia poderia conceber.

Uma occasião, fôra apresentado a um novo amigo, com quem mantivéra uma longa e injectante hora de palestra, dessas que elle tão bem sabia applicar e que lhe eram tão peculiares. Vendo seu novo amigo, prestar-lhe grande attenção, Alvaro, mostrando-se por vezes enthusiasmado, pelos seus mentirosos feitos, e, para mais aguçar-lhe o interesse, contou uma sua recente e imaginaria viagem ao Polo Norte, com todos os riscos que passára nas regiões polares, ao iado dos ursos brancos. O amigo já o olhava desconfiado, esperando a qualquer momento uma evasiva para safar-se. Eis senão quando, Alvaro, enceta nova aventura, mas esta, em ponto diametralmente opposto aquelle — no Polo Sul. Seu companheiro, vendo a grandiosidade da agulha injectora, prestes a picar de novo sua paciencia, que já se ia exgotando, mui delicadamente, pede permissãa para interromper a narrativa, promettendo ouvir a continuação outro qualquer dia, e . . . nunca mais se avistaram.

Ora, na Capital, todos já o conheciam e seu appelido — o gabollas — não mais o impressionava. Todos os amigos de Alvaro, sabiam; que exceptuando-se a Capital e sua terra natal, o resto do mundo, elle desconhecia por completo e se tinha uma vaga idea do mundo, isso mesmo era atravez da leitura de jornaes e revistas.

Aconteceu, porem, que certa vez, Alvaro foi apresentado a uma linda carioquinha, que aportára á Capital, o que pretendia seguir a negocios, para a cidade de X. justamente aquella em que ella vira a luz do dia . . Ninguem, pois melhor que elle, estava apto a servir-lhe de guia, dado o seu conhecimento do local, as suas maneiras distinctas de rapaz educado. Marcaram um dia e p'ra lá se foram. Já no trem, a principio a carioca tolerou as suas gabolices, mas depois cançada, desculpando-se da longa viagem, começou a sentir somno. Mas elle, não comprehendendo o mal que estava occasionando á sua companheira de viagem, desastradamente começa a tecer elogios a esta ou aquella arteria principal, do Rio. A carioca, logo no começo, percebeu que Alvaro jamais pisára a Capital Federal, mas ficou mais surprehendida ainda, quando elle lhe affirmou que lá morára cinco annos. Ella querendo ter uma certeza do que elle affirmava, docemente o interrompeu:

— E o senhor onde morou?

E elle, todo mesuras, enthusiasmado ante o sorriso da companheira:

— Na Favella, na linda Favella, senhorita.

Não sei dizer se a linda carioquinha chegou ao final da viagem. Só o que sei dizer é que ella, abrindo um jornal, e, com elle encobrindo o seu mimoso rosto, dava gostosas gargalhadas de Alvaro — o gabollas.

ARO

ACROSTICO

(DIANTE DE UM CLICHÉ)

Rosa! Das flores é a rainha . . .
Ostenta esta um sorriso encantador.
Será morena? — Tudo faz suppôr.
Irradiante de bellesa e graça,
Não desmente o valor da nossa raça,
Hoje empolgada em conhecer bellesas...
Ave! flôr de Jundiahy mundana!

Gabo teus dotes, espiritualmente,
Avaliando-os com respeito e arte.
Linda menina! Flôr da nossa gente!
Leio na luz dos teus olhos,
O poema de uma vida sem abrólhos!...

Curityba — Paraná.

LE'O JUNIOR

NA POLICIA

Commissario — Como se chama?
Preso — Joãc Pimenta.
Commissario — Nacionalidade?
Preso — Hespanhol.
Commissario — Casado?
Preso — Sou seu doutor.
Commissario--Com prole?
Preso — Não senhor; com Josephina dos Anjos.

NUM HOSPITAL

—Quantos obitos tivemos esta noite?
—Nove.
—Pois não deixei remedio, ahi para dez!
—Sim, mas o que escapou, recusou a tomal-o.

Um conjuncto harmonioso de graça e belleza. A senhorita Luiza Jaroslavsky, que ha pouco conquistou o diploma de Guarda Livros.

SONETO

(Ao talento de escól — Eugenio de Arruda Camargo — toda a minha gratidão)

«Primavera! juventú del'anno,
Juventú primavera del'a vita.»

Ante a tristesa desta minha idade
Em que da vida apagam-se os fulgores,
Inda revejo a flor da mocidade
Aureolada co'a luz dos meus amores.

E' o coche caridoso da Saudade,
Que me transporta ao mausoléo das flores
Do passado que jaz na eternidade
E que findou-se surdo aos meus clamores...

Sagrada exaltação do meu scismar!...
Idyllio santo de quem sabe amar
O phantasma pueril de uma chiméra!...

Quem me déra que o meu viver futuro
Fosse tão bello, illuminado e puro
Quanto áquelle da minha Primavera...

RAUL OSUNA DELGADO

AVARE'

Destruidores Virtuosos

E' muito lindo ver a formiguinha
Trabalhar com vontade todo o estío,
Levando para a terra, onde se aninha,
De alimento abundancia para o frio!

Embora seja para nós damninha,
Dá licções virtuosas ao vadio,
E' do trabalho exemplo, e é a rainha
Da economia, digna de elogio.

Assim como a minuscula formiga
Tornou-se nossa admirada imiga,
Destruindo pomares e vergeis,

Homens ha que, tambem, segundo a historia,
Adquirem fama, potestade, gloria,
Assassinando, transgredindo as leis.

F. PESSOLANO

AS GARÇAS

Na ilhóta vetusta em que o oceano selvagem
Feral se espadana, em tremendos rechaços,
Passava contente, librando a plumagem,
Um bando de garças cortando os espaços.

Mas, eis que a insidiósa tormenta, seus laços,
Tigrina, arremessa na eburnea miragem...
E as garças coitadas! fugindo... nos braços
Do occeano succumbem na immensa voragem.

Por tempo em silencio, minh'alma que é forte,
Pranteou essas aves sem rumo, sem norte,
Que o rude destino não soube poupar.

E hoje inda minh'alma que é forte soluça,
Si um bando de garças, gentil se debruça,
Nas ondas perfidias, tremendas do mar!

10 — 4 — 929

A. C.

DEPOIS DO ALMOÇO

O Augusto, com uma bonequinha na mão, dá ao Albertinho uma licção de psychologia feminina, este esboça um sorriso incredulo: o Placido cruza as mãos e pede a Deus que a licção termine logo; o Fernando que não tem nada com a vida alheia tira um "fiapo" e o Bertolino fica todo sizudo sò porque aquella pequenina do extremo direito está fazendo uma fachina...

E tudo isto... na Colonia após opiparo almoço.

PERFIS

L. A.

Desabrocham agora os primeiros botões da mocidade. Explendente de graça e attracção, passa á tardinha pela Praça Independencia, sobraçando livros de estudos. Volta da Escola Normal, onde é alumna querida e applicada. Quando o crepusculo começa a dominar a cidade, ella passeia a pequenez e graciidade de seu porte, pelas aleas do jardim, distribuindo lindos sorrisos ás amiguinhas. Seus cabellos negros, sacrificados á moda, emolduram um rostosinho, que e um conjuncto encantador de linhas perfeitas. Reside a Rua Barão de Jundiahy, numero impar, proximo a uma praça que tem por patrono o nome de um grande brasileiro. Brasileira, francamente nacionalista. Adora os albuns e collecciona autographos. O pequenino coração, que habita seu peito, pertence a um rapaz que se deixou captivar pela graça natural de minha perfilada, e que reside á rua Rangel Pestana. Para finalisar só resta adiantar que e Guarda-Livros pelo Gymnasio Rosa.

ADÃO

E. S.

O nome do meu perfilado de hoje, trahe a sua ascendencia europea. Lembra os filhos da Peninsula Iberica. Entretanto os seus traços physionomicos, nada dizem de seus avoengos. Calmo, muito calmo, jamais o vi andar apressado. Seus passos parecem obedecer a medida certa e o andar a cadencia exacta. Funccionario de um dos Escriptorios da C. P., é assiduo ao serviço. Gosta de andar de bengala. Jamais abandona a sua... ainda mesmo que chova. Sobe ao jardim, á tardinha a procura de quem fez vibrar as cordas sensiveis e affectuosas do seu coração. Tem certo garbo caracteristico ao andar que faz com que ao longe o identifiquemos. Quando não está ao lado de sua deusa, está ao das suas gentis manhãs. Como bom irmão que é, acompanha-as em longos passeios pelas ruas e praças de nossa terra. Reside á Rua Rangel Pestana, numero par, proximo a certa praça cujo nome homenageia uma cidade visinha á nossa. A sua amada, reside na rua principal e cursa a Escola Normal. local.

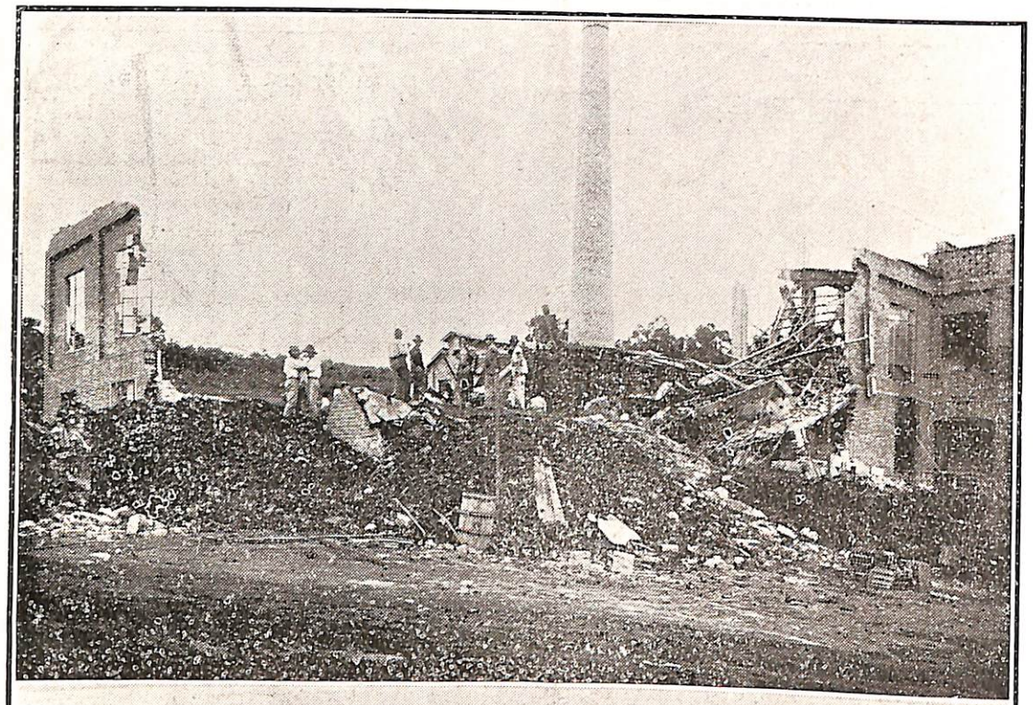
EVA

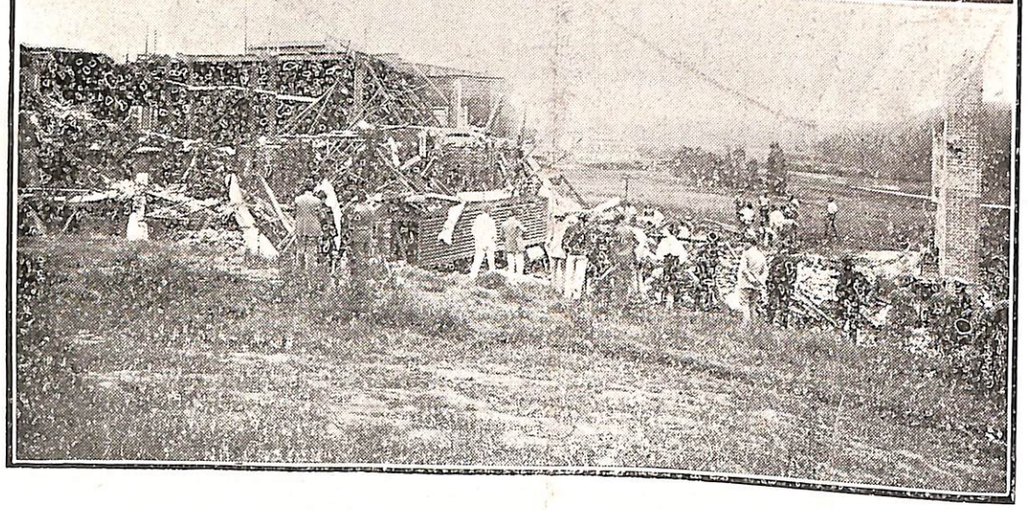
AZULEJOS

Meu doirado amor.

Ha occasiões em que o fogo ardente de paixões adormecidas acorda dentro em nós, em chamas crepitantes como se o nosso coração quizesse saltar do peito e voar, como avesita alada pelo azul sem fim, voar até encontrar o presidio dourado de outro coração onde voluntariamente se encarcerasse para todo o sempre. Sim... porque á mocidade passa e a velhice cança. E os velhos querem tornar a juventude assim como pelo espirito ainda não desenvolvido das creanças se esboça como uma nuvem rosea o futuro que pouco a pouco se desnuda, o primeiro dia de se enfiar em uma calça comprida; de aspirar as escondidas as fumaças azulineas de um cigarro tentador. Poeira de illusão, querida, que ao menor sopro do vento se desfaz. Passa o tempo e o que hontem anciosamente esperavamos hoje nos produz entediamento. Excepção unica se faz aos artistas bohemios que que no seu modo de pensar não envelhecem nunca. Esta é a preliminar das linhas que hoje deponho em tuas mãos amadas, como as fiz outr'ora, despidas na verdade, de bellesa vernacula, mas, que sinceramente traduz o que me vae n'alma, o que me empolga o coração no momento em que te escrevo, olhos exteriores pousados no papel que aos poucos se enche de caracteres azues como os teus olhos, olhos d'alma contemplando extasiados tudo o que de bello te cerca, amor, na primavera da vida. E agora querida, deixa o teu scismar e vem commigo pelo mundo em fóra viver deliciosamente nas linhas que componho Poema de amor que se lega ás gerações vindouras, eu quero que, um dia quando o passar dos annos tingir de branco os cabellos nossos, ambos vivendo da mesma chamma que hoje enche os nossos corações, possamos ainda como se retornassemos excelsos e unicos á ridente mocidade ler com os olhos felizes as melhores paginas de um amor vivido e que as minhas mãos nervosas amorosamente colligiram.

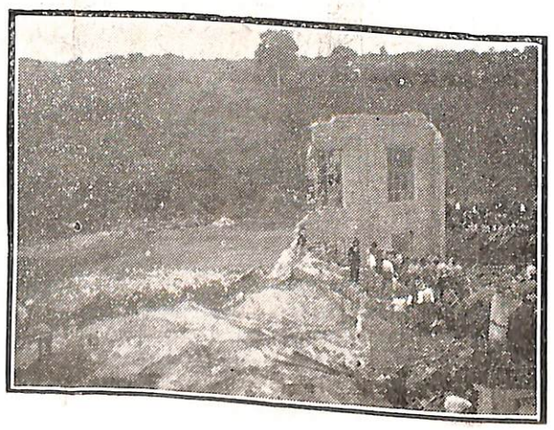
SERGIO





Em cima: Aspectos apanhados da face direita da fabrica sinistrada.

Ao lado: Vista apanhada do mais alto ponto do predio, em sua parte não attingida pela explosão.



O DESASTRE DA VARZEA

Apresentamos hoje alguns aspectos apanhados após a pavorosa explosão da Fabrica de Formicida na Varzea, onde pereceram tristemente quatro operarios e muitos outros ficaram feridos.

Como é do dominio publico os operarios victimados foram encontrados tres parcialmente carbonisados e do outro só foi encontrada a cabeça.

O triste facto não só echoou pezarosamente em nossa cidade, como tambem alem das fronteiras do Estado. Assim é que o nosso prezado collaborador, Léo Junior, residente em Curytiba, Paraná, teve conhecimento da medonha catastrophe e nos enviou o seguinte telegramma:

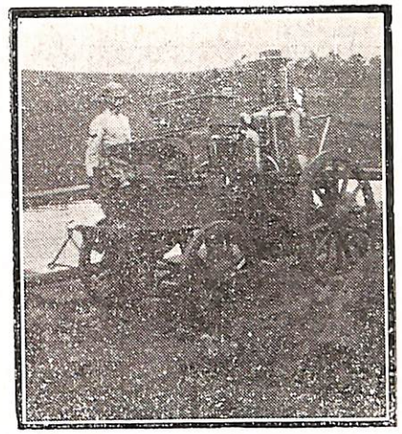
«Curityba, 13-4-29

Redacção Sultana

Lamento accidente enlutou Jundiahy roubando vidas preciosas seu desenvolvimento industrial.

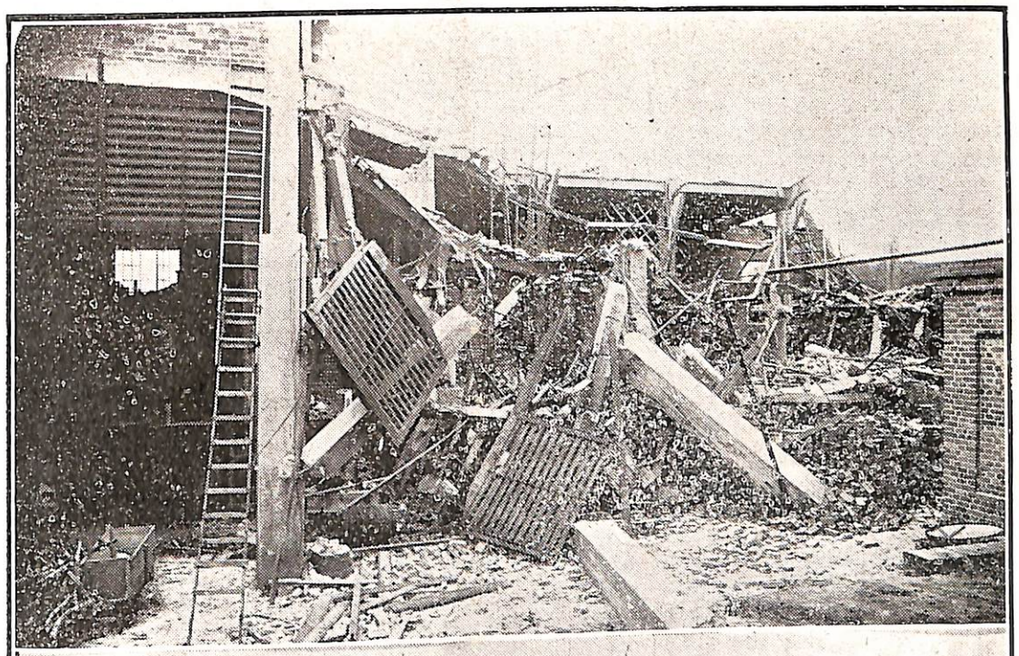
Léo Junior"

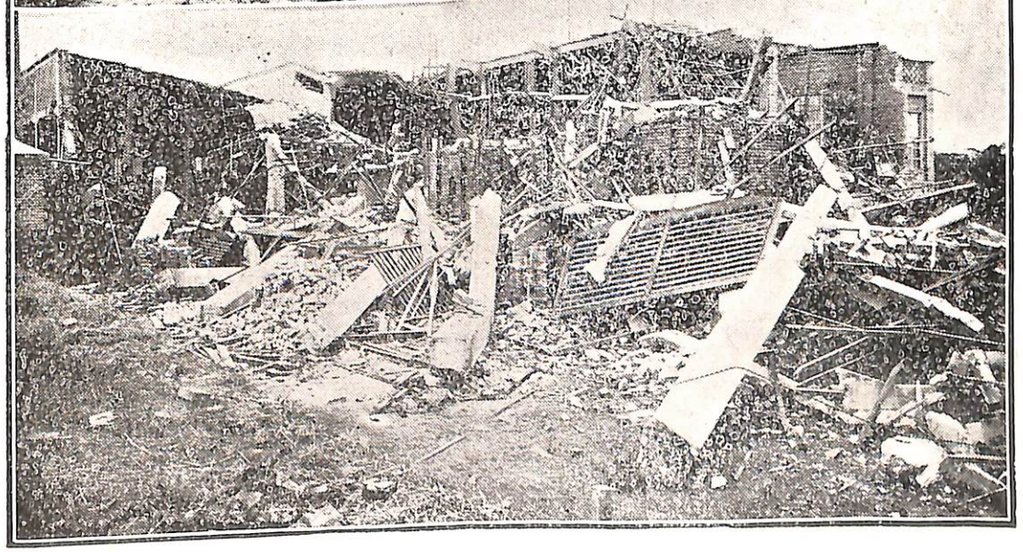
Em nosso nome e da cidade de Jundiahy, nós agradecemos o conforto espiritual que a bella Curityba nos trouxe por intermedio do festejado betetrista paranáense.



Ao lado: A bomba do Corpo de Bombeiros de São Paulo que funccionou no local.

Em baixo: Photographias dos escombros apanhadas da face esquerda.





Meia-Pataca

Em Cataguazes, Minas, com a collaboração de lidimos representantes da corrente modernista, appareceu um livro de versos com o pejorativo titulo epigraphante destas linhas. Em portico-autographo fica-se sabendo que Rosario Fusco, fez a capa, Guilherme Cesar, escreveu e Francisco I. Peixoto, tambem, então, Daniel da Silva Lopes, imprimiu, tudo na cidade de Cataguazes . . . . . .

Alguem, com ou sem procuração dos auctores, houve por bem entregar-me um exemplar do « Meia-Pacata », com a muito espirituosa dedicatoria : — « Ao poeta de pataca e meia, esta *meia pataca* de poesia nova, cóa bruta amizade dos auctores. »

Apesar de minha grande ogeriza com tudo que cheira a futurismo, lembrando-me de Lavoisier, fui insensivelmente levado e supportei, de cabo a rabo, a leitura do « Meia-Pataca ». E, conclui, é verdade que nada se perde na natureza, o que seria pena pelo material e trabalho typographico que presidem o «Meia-Pataca».

No «Meia-Pacata», o poeta de pataca e meia achou duas patacas para valorizal-o, sem offensa ao seu titulo. «Deslumbramento», de Guilhermino Cesar, e «Pedreira», de Francisco I. Peixoto, devem ser duas joias da nova escola de fazer poesia.

Pela leitura desses trabalhos, melhor avaliarão os leitores :

« Morena batuta
de seios de fruta
novinha que dóe.
morena batuta
segura essas fructas
segura que cáem'

Meus olhos cobiçam
delicias assim
que a fome chegou.
Meus olhos cobiçam
e doidos nem vêm
que são temporás.

Morena batuta
de seios de fruta
novinha que dóe. »

***

« Dependurados no espaço
Elles ficam alli o dia inteiro
Arrancando faiscas
Furando buracos na pedreira enorme
Que reflecte como um espelho
As suas sombras primitivas.

A' tarde ouve-se um estrondo
E o éco repete a gargalhada das pedras
Que vieram rolando da montanha.

Os homens de péle tostada
Descem então dos seus esconderijos
E caminham prás suas casas
Vagarosamente decepcionados
Segurando nas mãos cheias de calos
As ferramentas com que procuram
Ha uma porção de anos
O segredo que lhes de
Uma nova revelação da vida . . . »

E, Lavoisier, teve razão nada se perde na natureza . . .

Curityba — Paraná

LÈO JUNIOR.

Dona Saudade

de Artur Afonso

Violinos. Harpas. Harmonias ascendentes.

A chuva gotteja na memoria do Poeta.

Cheiro de terra molhada impregna mucosas.

Vento frio, máo, dansa no ar.

Fantasmas humidos fumam dentro da noite.

As harmonias ascendentes buscam abrigo na atmosphera. Penetram pela janella do quarto do Poeta. Seu quarto é mais amavel.

E a chuva continúa a gottejar . . .

Beijos resuscitados. Caricias que voltam.

Desejo incandescente.

Amollecimento morno..

Cheiro de terra molhada fugindo para dentro da escuridão . . .

Noite. Frio. Chuva.

Violinos. Harpas.

Era este o vestido do Bairro quando a amada do Poeta o abandonou.

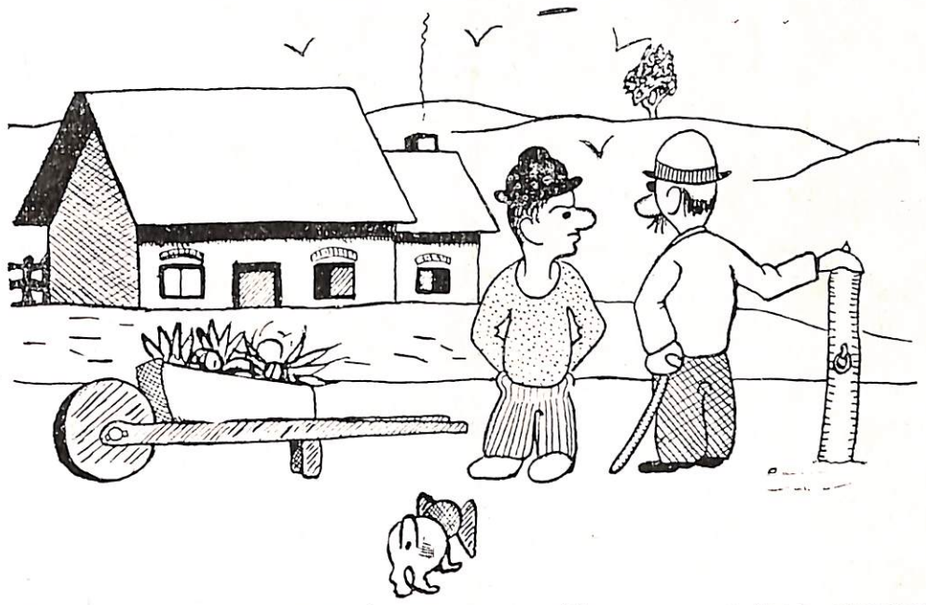
Desde então, o seu quarto só agasalha uma senhora. Formosa.

Executa violinos e tange harpas em as noites de chuva fria.

Chama-se dona saudade, a fiél esposa do senhor Passado . . .

O SUPER HOMEM

«Surgiu nesta cidade um critico, sereno, educado e delicado.
Voz do povo»



O verdureiro : — Appareceu cá na terra um critico, que augmentando grandemente a producção de batatas e hortaliças, estragou-me com o negocio.

O transeunte : — Não digas isso. Elle é o homem phenomenal. Tudo vê, tudo sabe e delicadamente tudo critica.

ADEUS!

Adeus mulher ! Irei viver distante
Do teu olhar chimerico e trahidor,
Embora uma saudade lacerante,
Exacerbe inda mais a minha dor ;

As juras que fazias, cada instante,
Futeis promessas de nenhum valor,
Lembral-as ei num verso lacrimante
E evocarei o teu ficticio amor . . .

E lá bem longe, sem um rosto amigo,
Mergulhado no meu scismar tristonho
Eu sonharei, e sonharei . . . comtigo.

Mesmo dormindo, inda verei assim,
O teu despreso vil, dentro do sonho,
E inda os teus labios a sorrir de mim !...

Avaré

DUILIO GAMBINI

O Moço bonito

Tu, hontem perpassavas, melindrósa,
Mui dengósa, mui faceira,
Mui cheirósa corriqueira,
Nacarada de carmin,
Na alamêda do jardim.

E assim, assim . . .

Tambem chic, galhofeiro,
Prazenteiro, tremelique,
Vi seguir-te, um rapazòla
Bem moçóila,
Trescalando a bom jasmim,
Que cercou-te no jardim.

E assim, assim . . .

Eu, "saeana" *bemtevi*
Que tudo vi . . .
Inspirando os bons perfumes,
Tive ciumes . . .
Porèm, de ti.

2—3—29

PETER PAN

Sultana e os garotas

A meninice de Pedro II

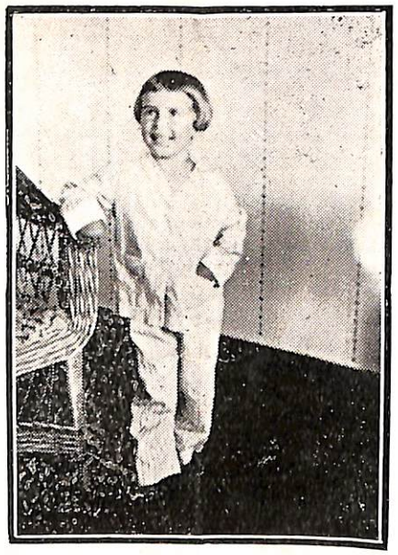
Do "Bahu' Velho" — Viriato Corrêa

Das creanças do seu tempo, Pedro II foi uma das que menos brincaram. A sua meninice arrastou-se num ambiente de austeridade as vezes excessiva, na atmosphera amargurada que os vendavaes da Regencia annuviavam.

Depois do 7 de abril, com a retirada de Pedro I e da segunda Imperatriz, o velho paço da Boa Vista deixou de ser um tecto alegre, para transformar-se num casarão bocejante onde todos bocejavam.

Quando uma creança é cercada de muitos cuidados fica sisuda ou malcreada. Pedro II ficou sisudo. Desde os seus primeiros dias, o pae entregou-o ao carinho maternal de d. Marianna Carlota Verne de Abreu, senhora de altas virtudes, por quem o primeiro Imperador tinha um respeito enternecedor. Dona Marianna, sentindo o peso da responsabilidade, excedeu-se em cuidados e mais solicitude teve, depois da Abdicação, quando o imperial menino, ja orphão de mãe, foi surprehendido com ausencia do pae e da madrasta carinhosa, numa quadra de perturbações politicas, em que a Quinta de S. Christovão era as vezes abalada pelos pampeiros partidarios que zoavam nas ruas.

O ambiente de apprehensões que as *Rusgas* crearam, os excessos de vigilancia que as incertezas politicas fizeram com que se cercasse o Imperador menino, tiraram da meninice de Pedro II todas as expressões de estouvamento e de alegria ingenua que



Esta galante garotinha é a Yeda a trefega creaturinha que alegra a vivenda de seus ditosos paes Snr. Amaury Ladeira e Exma. Sra.D. Hilda F. Ladeira.

são o encanto das edades infantis.

Percorrendo-se as chronicas intimas da vida daquella quadra, no palacio da Boa Vista, ve-se quanto foi monotona e arrastada a primeira edade de Pedro II.

Sua Magestade quasi não brincou. Quando pequenino as suas companheiras de folguedos eram as suas irmãs, as princezas d. Francisca e d. Januaria.

Eram, porem, uns brincos enfadonhos. D. Francisca arranjava uma saia preta, muito comprida para fingir de padre. D. Pedro e sua irmã d. Januaria serviam de acolytos. Simulavam as cerimonias da missa, das procissões, dos baptisados e outros ritos religiosos.

Quando d. Pedro foi crescendo, d. Marianna comprehendeu que o menino tinha necessidade de recrear mais expansivamente. Chamou para as alamedas da Boa Vista os meninos que lhe pareceram mais dignos de brincar com o Imperador. Eram elles João e Luiz, filhos de Luiz Pereira do Couto Ferrer, Desembargador Aggravista da Casa de Supplicação e vizinho de d. Marianna, no Engenho Novo, o depois poeta Francisco Octaviano e d. Jose de Assis Mascarenhas, filho do Marquez de S. João da Palma. Todos excellentes camaradas, com excepção de D. Jose que, por exceder-se em confiança e inconveniencias foi diplomaticamente, por d. Marianna, retirado da imperial companhia.

Que recreações tinham elles ? O que mais divertia d. Pedro era « brincar » de soldado.

Mas, tão pouca gente, não podia formar os pelotões marciaes. Chamavam-se então para o palacio, entre outros meninos, os filhos do ministro Aureliano de Souza Coutinho e de Candido Jose de Araujo Vianna, professor do monarcha.

Eram esses os melhores dias de d. Pedro. As sombras da Quinta enchiam-se

de alaridos, de gargalhadas, de sons de cornetas e rufos de tambores. Era, quasi sempre aos domingos, na folga das lições, o « brinquedo » dos soldados.

Em 1837 (D. Pedro ia completar os seus doze annos), o deputado Raphael de Carvalho clamava contra a falta de divertimentos aos nossos principes. E dizia : « Os divertimentos que fazem parte de uma boa educação são tão escassos para as pessoas imperiaes que se não pode passar em silencio tão grande falta. O tanque onde navega um bote e o jogo de cavallinhos eis a que se reduzem os divertimentos de exercicio , o jogo de cartas e o theatrinho são os de entendimento ».

Quanto ao theatrinho, Raphael de Carvalho faz duras objecções. Uma dellas é a respeito do panno de bocca e outra sobre a lingua, a franceza, que os principes usavam em scena, quando declamavam.

Sobre o panno de bocca da-nos elle uma descripção minuciosa. O painel representa o Brasil nos seus tres estados de categoria. Em um porto está ancorado um navio com tres mastros muito compridos e sem bandeira ; na praia, a um lado, uns homens vestidos affonsinamente, a levantar uma immensa cruz ; ao longo da praia — indigenas, trajados marcialmente, assentados sobre montes de bananas, cajus e ananazes, de costas viradas para os fructos e, de tal maneira indolentes e com ar de tão estupida indifferencia qne parece « que elles não partilham a natureza humana » ; um anjo alado tem na mão esquerda uma bandeira do Reino Unido e na direita a bandeira imperial. O escriptor acha tudo isso desharmonico e feio.

Os seus clamores não attingem unicamente o theatro.

« O imperador, continua, tem o seu jardinzinho, onse distrae algumas vezes plantando flores ; se, pelo que vi, tenho de julgar da

Haydée, a graciosa criança que encanta o lar de seus felizes paes. snr. Paulo de Moura e exma. snra. d. Conceição de Moura, residentes em São Paulo.

assiduidade, ella e muito escassa. A princeza imperial não tem um jardim seu, e nem a princeza d. Francisca, existindo naquelle paço um só jardim muito pequeno, mal collocado e muito pobre. A administração não devia ter sido tão negligente a este respeito ; não ha um palacio, dos imperiaes, que tenha um jardim ! »

Não tendo jardim para lidar com as flores; as princezas divertiam-se na cozinha. D. Januaria e d. Francisca, pelo que nos informa Raffard, eram perdidas pelos bons petiscos por ellas mesmas cozinhados. Um tal Cesario, matutinamente lhes trazia um pedaço de carne fresca, escolhida, um lombo especial para que « brincassem » de cozinheiras. Um dia, o imperador menino, estranhando que ellas, na meza, a hora das refeições, não tivessem appetite, poz-se de espreita e descobriu a maroteira. Dahi por deante exigiu a sua parte nos quitutes.

Pedro I, com aquella franqueza de mal educado, costumava affirmar que o seu filho havia de ser um hommem de saber e não um ignorantão como elle e como o seu irmão Miguel.

De facto, desde os primeiros tempos, Pedro II se mostrou creança estudiosa. Aos sete annos de edade produz desenhos razoaveis e, um delles, o da Ilha das Cobras, vista do paço da cidade.

Antes de completar seis annos de vida, começou a astudar primeiras letras ; no dia 3 de novembro de 1831 dá sua primeira lição de geographia. Em 1837, conforme a informação do Marquez de Itanhaem, começa a estudar latim, faz correntemente as operações arithmeticas de inteiros, fracções e complexos ; lê, fala e escreve razoavelmente o francez e

tem uma queda accentuada pelos estudos de historia.

Antes disso, em 1835, aos dez annos incompletos, conhece já os rudimentos de inglez ; está familiarizado com o globo terrestre; diz de cór as capitaes e os accidentes physicos mais importantes ; não vae mal na dansa ; le musica com perfeição, « cambiando muito bem as mãos no piano», e esta adeantadissimo no desenho. Naquelle mesmo anno começa os exercicios de equitação.

No anno seguinte, pelas informações de Boiret, o menino Imperador ja decora trechos escolhidos do francez, sabe a carta da America e da Europa e vae passar á da Asia e, pelo testemunho de Mazzoti, seu professor de musica, « ja tira as lições por si ».

Mais tarde estuda esgrima com o coronel Luiz Alves de Lima, que foi o duque de Caxias.

Poucas creanças tiveram nos estudos, a applicação de Pedro II. Mal deixava os poucos divertimentos no parque da Quinta, agarrava-se aos livros. Muitas vezes, alta noite, conta Joaquim Pinto Campos. o piedoso frei Pedro de Santa Marianna, ia ao quarto da imperial creança pedir-lhe que fechasse os livros e fosse para cama, dormir. E em algumas occasiões, voltando meia hora depois encontrava o menino, de novo com o quarto illuminado, de novo sobre os livros.

Ou porque não lhe dessem brinquedos ou porque não tivesse gosto para brincar, o maior divertimento de d. Pedro, na mininice, eram os estudos.

Foi sempre uma creança docil, pacata, extremosa e de costumes exemplares. Aquellas virtudes do bondade que foram as suas virtudes maiores de monarcha, revelou-as deste pequenino. Ainda de calças curtas, na sua extrema infancia, quando saia a passeio, fazia que lhe dessem muito dinheiro em moedas de prata. Ao voltar trazia sempre os bolsinhos vasios. O dinheiro distribuia todo aos soldados e aos pobres, pelas ruas.

Nunca lhe sobrava um vintem da mesada de doze mil reis que recebia, em creança, do Thesouro da Casa Imperial.

Pedro I tinha razão. O seu filho não se pareceu nem com o pae, nem com o tio D. Miguel.

CANÇÕES DE PRIMAVERA . . .

(Inedito)

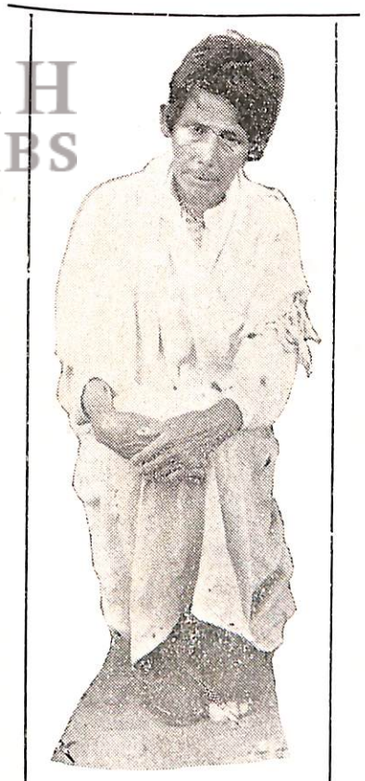
Hoje quem me despertou
Com doçura e com carinho,
Não foi um raio de sol
Entrando pela janella . . .
Hoje quem me despertou
Quando brilhava ainda a estrella
D'alva, annunciando o arreboi,
Hoje quem me despertou
Foi um meigo passariaho
Um passarinho gentil,
Que cantou no peitoril
De uma janella fechada . , .
Uma coisinha de nada
Mas que me fez acordar . . .
. . . A tua voz, passarinho,
Me trouxe tanta alegria !
Minh'alma abriu se em carinho,
E comprehendeu a harmonia
Do teu gorgeio sem par!
E subiu, subiu á esmo
Entre nuvens rosicléres,
E subiu, como tu mesmo
Para o ceu que tanto queres !
Oh ! Tu nem sabes que quando
Gorgeaste, sem o querer,
Tu me ensinaste, cantando,
A alegria de viver ! . . .

SANTA MELLILO

TYPOS POPULARES

NHÁ NITA PIRANGUEIRA

Quaes dois pombinhos em arrulos constantes, saltando aqui, acolá, gosando uma noite de luar, ou vendo o despontar do sól no horisonte, naquellas plagas bemditas que ao longe se descortinam, eis o viver despreoccupado e bohemio, de outr' ora, desta que hoje «illustra» as paginas de Sultana. Viver bohemio foi o seu, e mais bohemio inda, foi tambem, o de seu companheiro, que o destino, as vezes tão cruel encarregou-se de o separar para sempre.



E por isso ella hoje, ao recordar-se dos tempos de outr'ora, ao ver que Nhô Amaro a deixou sosinha no mundo, chora e chora com razão. Ella pensa : que ditosos aquelles tempos em que subindo as escarpadas ingremes da Serra do Japy, horas muitas vezes tardias, ou em madrugadas de luar que despontam com mais poesia na vida campesina, despertadas ao longe pelo cantar festivo dos gallos das cercanias. Como eram poeticos aquelles tempos bohemios. Hoje, que mudança ! . . . Sua casinha, encravada entre dois picos soberbos, da serra, sempre verdejante, era perfumada por flores odorosas, cujos perfumes sahindo dentre a mattaria espessa, invadia sua morada entrando pelas frestas de pau a pique. Quanta poesia naquelle viver assim ambulante de bohemia. Quanta poesia, no seu viver naquelle ranchinho de sapé, alli, sosinhos entre a selvagem floresta, vendo ao longe o miar da pintada, que avança de olhos faiscantes ! . . . Hoje não ! Tudo mudado. E essa infeliz, coitada, qual duende errante, é alvo da molecada que não respeita nem ao menos, na sua desgraça, esse ente infeliz. Bom tempo tambem aquelle, dirá ella, em que não existia Sultana e nem se fallava no seu corriqueiro photographo.

Aro

Para "Sultana'

ACROSTICO

Dedicado ao saudoso

No coração fundiu-se iuesperado
Este transe pungente que causaste,
Lageando o nosso peito angustiado : —
Sorrindo á vida monótona, içaste
O derradeiro adeus ao mundo triste,
Norteado para o Alêm, onde partiste !

Ronda ignoto, entanto inevitavel
Idólatra supremo das alturas,
Bateu-te á porta o punho inexoravel
E ao pedestal das brancas sepulturas
Inerme te levou. Já vulneravel
Rompe-se o manto azul com que cobrias
O rame da esperança dos teus dias !

Grande coração o teu. Grande e bondoso ;
Um cofre rematado de canduras,
Inspirado coração, era viçoso
Manancial das amizades puras . . .
A noite, quando tudo é silencioso,
Recordarei saudoso, e tú amigo,
A minha préce voando em som disperso,
Escutarás então do teu jazigo,
Si tão sentida angustia cabe em versos . . .

TREBEIS

Jundiahy, 17—4—929.

JUNDIAHY de hontem

A titulo de curiosidade, transcrevemos hoje, uma contribuição para a historia de Jundiahy, constante do livro «São Paulo nos tempos coloniaes», por Augusto de Saint Hilaire, que por aqui andou, aproximadamente pelos annos de 1848 ou 1850. Para os que não conhecem o texto desta transcripção, esperamos que ella agrade. Achamos de bom alvitre, antecipar que nem todos os dados constantes das notas de Saint Hilaire, são exactos, sendo alguns já contestados e documentados pelo nosso Director, em um artigo de contribuição para a historia de Jundiahy, escripto para o «Annuario de Jundiahy».

Diz Saint Hilaire: a pag. 164 do citado livro:

Jundiahy

«Jundiahy está situada a 23° 2' de latitude sul, (1) junto á margem esquerda de um pequeno riacho, que tem o mesmo nome, affluente do Tieté, e assim chamado pela grande quantidade de jundiás (especie de peixe) em que abunda. (2) A fundação de Jundiahy data de 1656, e attribue-se ao Conde de Monsanto, que se fizéra reconhecer herdeiro do primeiro donatario da Capitania de São Vicente. (3)

Esta cidade tem pouca extensão; as ruas não são largas; as casas, apertadas umas contra as outras como em nossas cidades, são em geral baixas e pequenas. Alem da Egreja Parochial, consagrada á Nossa Senhora do Desterro, ha duas outras ainda, uma das quaes pertence a um pequeno convento de benedictinos.

Como em Campinas e Mogi, as funcções judiciarias eram outrora exercidas no termo de Jundiahy por *juizes ordinarios*.

Em todo este municipio, que provavelmente não é maior que o de Campinas, contavam-se na epocha de minha viagem 5.000 a 6.000 almas, e a população não parece ter crescido, pois que em 1838 era ainda de 5.885 individuos. E' evidente que as causas que a impediram de crescer, são as mesmas que produziram egual effeito no municipio de Campinas e que deixo aqui apontadas.

. . . . . .

Durante sua estada nesta parte da provincia, Spix e Martins, - disse-me o capitão-mór de Jundiahy, - tinham empregado o magnetismo animal para curar um homem atacado de hydropiscia; dous annos eram passados e não se havia manifestado nesse homem symtoma algum da doença que tantos receios lhe causára.

Devo tambem notar que o bocio, infelizmente tão commum em certas partes da provincia de São Paulo, ainda o è mais talvez em Jundiahy e seus arredores e que os habitantes desta cidade são appelidados de *papudos de Jundiahy*. Como observaram muito bem Spix e Martins, esta doença não é no Brasil acompanhada do completo hebetismo que caracterisa os papudos do valle da Suissa, e os de certos pontos da provincia de São Paulo, como por exemplo os que habitam entre Hytú e Itapeva, são apathicos e pouco intelligentes, seus visinhos não papudos não são mais intelligentes e nem mais activos.

(1) Piz., «Mem. hist.,» VIII, 302.
(2) Francisco dos Prazeres Maranhão, que publicou na «Revista Trimestral,» (I, 75, seg. ser.) um interessante artigo sobre etymologias brasileiras, pensa que «Jundiahy» vem de «jandy vg» (rio de azeite). «Jandy» na lingua geral ou dialecto da costa tem na verdade a significação de «azeite» (Diccion. port. e brasil., 18); mas não é de «jandy» que se compõe essa palavra, mas de «jundiá» e é menos natural chamar uma corrente «rio d'azeite» do que chamar-lhe «rio dos jundiás», por ter em abundancia taes peixes.
(3) Piz., «Mem. hist.,» VII, 302.»

"A PENNA"

Surgiu a luz da publicidade na linda e progressista cidade de Avaré, um quinzenario, critico, humoristico, social, literario e noticioso, sob a direcção do nosso intelligente confrade João Cortez, secundado brilhantemente pelos inspirados poetas Duillio Gambini e Raul Osuna Delgado, os nossos constantes collaboradores e amigos. Estes ultimos já são bastante conhecidos do nosso povo, atravez de seus formosos versos. Cortez, Gambini e Delgado constituem pois, a trindade intellectual que se encarregará de tornar «A Penna», uma fulgurante realisação. Muito bem feita e optimamente collaborada, «A Penna» tem todos os requisitos indispensaveis para vencer, e nós muito sinceramente desejamos a nossa collega, longos e dilatados annos de vida. Felicitamos os seus dirigentes e esperamos confiantes que estas linhas sirvam de estimulo ao encetarem a ingrata e trabalhosa lide da imprensa.

Sorrisos

Sorrisos . . . que brincam nos labios de uma creança, constituem a felicidade, pois que ella só pode existir, verdadeiramente, num coração isento de preoccupapações.

Sorrisos . . . que brincam nos labios de um pae, são como que uma prece de reconhecimento a Deus, por lhe ter dado um filho, que será a luz que illuminará o crepusculo de sua existencia.

Sorrisos . . . que brincam nos labios de um namorado, são como que a antevisão de uma vida de gozos ao lado daquella a quem escolheu para compartilhar do seu amor, do seu coração.

Sorrisos . . . que brincam nos labios de um professor, representam a certeza de que as lições ministradas hoje, serão amanhã o evangelho do direito que os seus bons alumnos procurarão seguir.

Sorrisos . . . que brincam nos labios de um sacerdote, teem o poder convincente de despertar a confiança no coração empedernido de um peccador impenitente, afastado da Lei de Deus.

Sorrisos . . . que brincam nos labios de um medico, são como que o arco-iris bonançoso, que leva ao coração do doente, a certeza de que o seu mal foi vencido e em breve a saude voltará ao seu corpo.

Sorrisos . . . que brincam nos labios de um mathematico, traduzem a satisfação que lhe vae na alma, por ter talvez, descoberto a solução de complicado problema, que de ha muito o preoccupava.

Sorrisos . . . que brincam nos labios de um assassino, teem algo de sinistro, de terrivel, mas poderá tambem ter algo de bello, se representarem o arrependimento o o desejo de uma nova vida.

Sorrisos . . . que brincam nos labios pallidos de um finado, parecem demonstrar que elle repousa sereno, feliz, na eterna mansão, ao lado Daquelle que redimiu o genero humano.

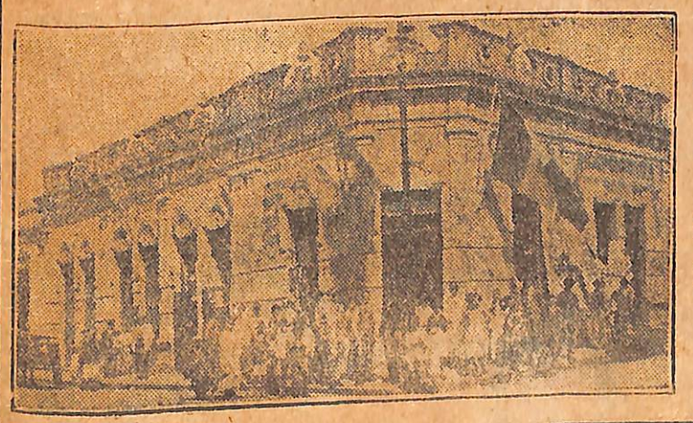
Sorrisos . . . que brincam nos labios carminados de u'a melindrosa, constituem a rede trahiçoeira que ella, usa para caçar os inexperientes, que se deixarem vencer pelo seu encantamento.

Sorrisos . . . que brincam nos labios de um comediante, apresentam nos indecifraveis enigmas, pois, que jamais saberemos quando elle sorri de nós ou para nós, eternos assistentes de uma eterna comedia.

Sorrisos . . . que brincam nos meus labios, não traduzem nem de leve, o immenso desespero que me vae na alma sonhadora, por ver os meus ideaes se esboroarem, destruidos pela fatalidade.

MARCUS VINICIUS

Casa Independencia
Rainha do Panno



Completo sortimento de artigos para homens, artigos finos para presentes.
CHAPEOS RAMENZONI
Variadissimo sortimento de artigos para o inverno.
Unica casa que offerece vantagem.
Rua Barão, 97 - Praça Independencia, 2 - 4
PHONE, 75
— Predio proprio —

PHOTOGRAPHIA IDEAL Alexandre Janczur

Com casa especial de molduras para quadros, espelhos, vidros, porta-retratos de crystal, santos em alto relevo, estatuetas e estampas.

Camara escura para amadores

Machinas photographicas, films, chapas, reveladores, etc.

Rua do Rosario, 30
Telephone, 386
JUNDIAHY

Concurso de Belleza

Para "Sultana"

São Paulo inteiro vem de assistir emmocionado uma lucta formidavel, travada dentro de suas fronteiras Uma lucta de cidades contra cidades, de municipios contra municipios, de municipios contra a Capital e a Capital contra os municipios. Dentro das fronteiras de cada cidade grupos se organisaram, combatendo cada qual com maior afinco, pela victoria de sua facção, E a lucta travada durou mezes, sem perder um dia sequer o enthusiasmo inicial. Uma derrota, era o incentivo para novas batalhas. Uma victoria, mais acirrava o desejo de vencer. E essa lucta assumiu proporções enormes occupando paginas e paginas de jornaes e interessando aos adeptos de todos os credos.

Foi o assumpto do momento.

Refiro-me ao Concurso Internacional de Belleza, que se levou a effeito no nosso Estado, afim de se escolher a mais bella de São Paulo, afim de se escolher a embaixatriz da graça e da belleza paulista, que concorrerá no Rio de Janeiro á belleza de outros Estados. Cada qual a profiar em ser o berço de onde sahirá a "Senhorita S. Paulo"

Tudo isto é muito bonito, tudo isto enthusiasma, tudo isso faz vibrar as almas. Mas, pergunto eu, e qual a finalidade de tudo isso? Qual o resultado pratico que advirá desses concursos? Qual o seu merito?

A todas essas perguntas, eis as respostas que eu encontro — desenvolver na alma feminina o orgulho, crear no coração do povo uma propensão para luctas inuteis e sobretudo, para acirrar odios de nações para com nações, isto é, das nações vencidas no prelio, contra a nação vencedora. Ora, temos que convir que tudo isto nada produz de beneficio e por isso creio, ser de toda necessidade, o extinguir taes concursos. Sejamos patriotas. Tratemos de ser util ao nosso paiz, trabalhando pelo seu engrandecimento e pelo fortalecimento da raça, mas jamais pela organisação de concursos inuteis. E' o que eu penso, e os que não concordarem commigo, que sigam as suas ideas. Eu seguirei a minha.

Archibaldo Cordeiro

São Paulo—29

Arrufos

DUETO

— Adeus, oh! meu amor!
— Inda me fallas ? . . .
— Pois se tu és, emfim, a minha vida . . .
— Coitado ! Que impostura ! . . .
— Ah ! tu embalas
Todo o meu coração, porque és querida ! . . .
— Não sirvo para as faltas . . . Vai amar
As outras raparigas que te dão
Cravos, lenços bordados . . .
— Vou jurar
Que um mexerico fez essa illusão . . .
— Illusão ! . . . Ora essa ! . . . Deitei sortes,
E vi que eras ingrato . . .
— Que tortura !
— Já te arrependes ? . . .
— Quero que tu cortes
As raizes do mal . . . Dá-me ventura ! . . .
Só amo esse teu rosto . . . Só tu és
A minha tentação, a minha aurora . . .
— Ha moços como tu aos pontapés . . .
Já disse que me enganas . . . Vai-te embora ! . . .
— Mas não posso esquecer-te . . . Ó meu amor !
Confia no meu peito . . . Nunca quiz
Qualquer outra mulher . . . É o meu penhor
Todo esta confissão que te bemdiz . . .
— Não me fio nos homens . . . Só tem manha
— Não sejas crua ! . . .
Vou pedir-te a teus paes . . .
— Oh ! que façanha !
Já não andas na terra, andas na lua . . .
Prometti, quando foste para a guerra,
Tres voltas de joelho ; mas não faço
Mais esse sacrificio . . .
— Já me aterra
A tua accusação . . . Sinto cançaço . . .
— Ainda hontem á noite, na esfolhada,
Tu andaste a brincar com tua prima . . .
— O ciume é que mata . . .
— Estou zangada,
Porque já não mereço a tua estima . . .
— Como tu és cruel ! . . . É tão severo
Esse teu coração . . .
— E quero cá
O lenço que tu tens . . .
— Tambem eu quero
O beijo que te dei . . .
— Pois toma lá . . .
— Oh ! que doçura tem a tua bocca ! . . .
Parece um sonho feito de luar . . .
— Ah ! que paixão dulcissima e tão louca
Eu agora senti . . Vamos amar . . .

JOSÉ LUIZ de CALDAS.

Fragmento

No Leite Junior e Virgolino Brasil

Ondas de perfume sobem do Jardim para o Azul.

E' noite e noite enluarada. Pyrilampos vagueiam por entre as arvores, pousando nos calices abertos das flores raras, imprimindo-lhes brilho. Ennêh desce ao jardim. Com passos soberbos dirige-se para o lado do banco favorito, assenta-se, arranjando a leve saia de uma fazenda muito alva e alli fica, embriagando-se...

As mariposas esvoaçam, envolvendo-a em circumferencias que inconscientemente vão traçando, sem respeito algum á symetria!...

Um rouxinol empoleirado lá no mais alto galho d'uma magnoleira, desfere as primeiras notas do seu canto melodioso, saudação á lua que garbosamente se ostenta no Azul, sumptuosa tela bordada de estrellas!

Nuvens de uma alvura finissima, rolam, esgarçando-se.

E, a meiga e lyrial Ennêh, continúa extranha, com os olhos - esmeraldas enormes fixos n'uma estreila, a maior e mais brilhante dellas, balbuciando:

— Não te rias, estrella, esse teu riso é tão mordaz, o sinto tanto, que nelle descubro um mundo de ironias a mim lançadas! Porque me maltratas assim?!... Soffro! E o meu coração?...

E parecia ouvir a estrella responder;

— Não te illudas gentil donzella. Uma vez que desconheces o amor não podes soffrer!...

— Soffro! mas, se unicamente o amor dá o verdadeiro soffrimento, eu quero conhecel-o!

LEOCADIO CORREIA

O Jogador de Boliche

O "boliche", é hoje em dia um dos jogos mais em evidencia em todas as cidades. Rara, rarissima é a cidade que não tem ao menos um desses jogos. Assim, nada mais natural que Jundiahy tambem tenha o seu. O de nossa terra, como é de dominio publico, está installado na ampla e confortavel séde do Gremio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulista, onde todas as noites, reune-se grande numero de afficionados do esporte allemão e vão se revesando em partidas continuas.

Entre os muitos apreciadores do "boliche", e que jogam no Gremio, sobresahe o Joaquim dos Santos, o sympathico e dedicado funccionario da poderosa estrada de ferro, que empresta o seu nome á sociedade acima citada.

O Joaquim, não perde vasa. A menor folgazinha que obtem, é empregada no "boliche". Dizem até os seus intimos, que elle chega a sonhar com o "boliche".

Por uma das noites chuvosa de Janeiro, o Joaquim estava como de costume, jogando a sua partidasinha, quando, repentinamente começou a trovejar. Trovões continuos, fortes e incommodos. Dada a sua intensidade, já estava causando temores a alguns dos seus companheiros. Ora mais fortes, ora mais fracos, os trovões não cessavam um instante. Um dos presentes mais timido, tratou logo de ir "ageitando" uma sahida.

— Eu vou embora. Esses trovões não param e eu não estou disposto a tomar a chuva que elles estão promettendo.

Socegado, calmo, o Joaquim volveu para o companheiro, atirando a bolla na prancha:

— Não tenha medo. Isso passa já. Não é nada. E' São Pedro que está jogando "boliche" no ceo!...

GRÃO VISIR

O NEGOCIANTE

Ebrio contumaz, o Carlitinho, vivia a correr a "via sacra" de todos os bars e botequins da cidade. Era conhecidissimo como o maior consumidor de "agua que passarinho não bebe". Vivia sempre cercado de amigos, todos como elle, adeptos do vicio que immortalisou Bacchio. E os amigos não faltavam, porque a elle não faltava, o principal factor de muitos amigos — o dinheiro.

Rico, bastante rico, podia gastar com largueza, sem receio de em breve ver evaporada a sua fortuna. E emquanto o "cobre" durava, natural era que elle bebesse e desse de beber aos amigos.

Levou a vida de alcoolatra inveterado talvez durante uma dezena de annos.

Mas, um dia, cançado de tantas bebedeiras resolveu deixar de beber e entrar para o ról dos anti-alcoolicos, iniciando intensa campanha contra o alcool.

Começou a lucta montando um armazem de seccos e... (que ironia) molhados...

Seus amigos, saudosos dos tempos idos, é que não lhe perdoaram a resolução, e, perfidos, diziam entre si:

— Qual! Essa conversão do Carlitinho não dura muito. Não dou um mez e elle estará de novo de volta á vida antiga.

Se voltou ou não, já não devo dizer, mas a verdade é que certa occasião, um seu amigo que morava em uma cidade visinha procurou-o. Não sabia das novas ideas do Carlitinho.

Chegou á cidade, procurou-o e extranhou-o.

— Eu não estou acreditando no que estou vendo. Não é possivel que te regeneraste tão rapidamente.

— Que queres! Tudo cança nesta vida! Resolvi crear juizo e montei um armazem de seccos e molhados.

O amigo, riu gostosamente e adeantou, duvidando:

— Montaste um armazem de seccos e molhados? Ah! Então já sei. Tu vaes enxugar os molhados e... deixar o armazem a secco.

Quinze dias depois, o estabelecimento do Carlitinho era um armazem de seccos e... enxutos.

Elle recomeçára a beber porque seus amigos não o acreditaram capaz de se regenerar.

MOHAMED ALLI

A INSTALADORA
Rua do Rosario, 63 — Telephone, 369
(Praça da Independencia)

Motores, transformadores, lustres, plafonieres, oleo para qualquer especie de machina. Grandes exposições permanentes de artigos de luxo e phantasia. Dispondo de habeis engenheiros electricistas, encarrega-se de installações de luz e força, fazendo levantamentos de plantas e orçamentos. — Lampadas de todos os typos e todas as potencias. —

Artigos de electricidade em geral

Annuncios luminosos, para todos os preços

As mais bellas

Por occasião da publicação do nosso ultimo numero, no qual publicámos as photographias das tres mais bellas jundiahyenses, enviámos a cada uma das homenageadas um exemplar de «Sultana», com a respectiva dedicatoria.

Agradecendo as homenagens, esteve em nossa redacção o Exmo. Snr. Dr. José de Miranda Chaves, d.d. progenitor da Rainha da Bellesa, de Jundiahy que com palavras repassadas de muita bondade, externou a sua gratidão.

Identico procedimento teve para comnosco a gentil senhorita Barbara Fagundes, externando de viva voz, o seu reconhecimento, pela pallida homenagem prestada.

A graciosa snrita. Rosinha Gallo, teve a gentilesa de nos enviar attenciosa carta, que, pedimos venia para aqui transcrevel-a:

«Illmo. Snr. Casimiro Brites Figueiredo, M.D. Redactor da «Sultana». Saudações.

Acabo de receber a sua carta datada de 31 de março e muito venho agradecer-lhe as delicadas referencias, que com muita bondade quiz distinguir-me.

Agradeço e muito, o exemplar de «Sultana», a querida revista que leio sempre com muito prazer, fazendo votos sinceros para que, com a intelligente e esclarecida direcção de V. S. possa progredir e impor-se cada vez mais e definitivamente no alto conceito em que é tida nesta terra

Com estes sentimentos, queira V. S. acceitar os protestos de estima da admiradora e patricia

(a) Rosinha Gallo.

Jundiahy, 3 de Abril de 1929.»

Estes agradecimentos muito nos desvanecem, bem como as gentis referencias da missiva acima. E se algum merecimento teve o nosso trabalho, estamos recompensados, pois, que não ha melhor recompensa na trabalhosa lide de imprensa que beneficas palavras, como as que acima ficaram registradas e como as que ouvimos da segunda collocada e do progenitor da primeira.

Casa Dois Irmãos
A MAIS BARATEIRA

Especialidade em moveis de estylo, tapetes, colchões e fazendas. — Completo sortimento de CONGOLEUM «Sello de Ouro», LINOLEUM, passadeiras e tapetes de lã. — Grande sortimento de casacos para senhoras e senhoritas.
Fabrica-se sob medidas.
Relogios de parede
Carilhons — Dormitorios e Sala de Jantar, artigos finos. — Vendas a dinheiro e facilitamos os pagamentos :: :: :: ::

SAMUEL BULIS
Rua Barão de Jundiahy, 71
Telephone N. 379

A ELECTRO-METALICA

Fabrica de turbinas hydraulicas

Postes de ferro para linhas. Tubos de ferro batido.

J. KLOVRSA, Engenheiro

TELEPHONE, 1-5-3

Rua Barão de Jundiahy, 1 — Jundiahy

E. de São Paulo

UM RECANTO PAULISTA

Indianopolis.

Pôr do sól.

Magestoso, o sól soberano, senhor das altas e mysteriosas regiões, doira, com seus reflexos a campina. As aves, gentis senhoras do espaço, libram-se nos ares, rapidas, para pouco depois, baixando o vôo procurarem o doce aconchego do ninho.

Indianopolis, parece regosijar-se com a magnificencia desse poetico pôr de sól.

Panorama extasiante, esse, que o trauseunte descortina e que maravilha os seus olhos curiosos. Quem, qual o artista, capaz de transportar para u'a tela a belleza e a grandiosidade desse espectaculo vivo que a natureza nos apresenta? Só mesmo o proprio Creador!...

Mas, lentamente o sól vae baixando... O senhor da luz, vae pouco a pouco se recolhendo, deixando, agora, á mostra, apenas uma parte do seu luminoso hemispherio e os seus ultimos lampejos, reflectem-se ainda nas montanhas visinhas, com suaves reflexos polychromicos, como se fossem fogos de artificios nas tradiccionaes noites de S. João.

Como mensageira da despedida do astro rei, a brisa, meiga como um carinho, passa sussurrante, entoando um doce hymno de amor, que faz oscillar as corollas illuminadas das flores, cujas petalas se desprendem, anciosas por acompanhal-a em sua jornada errante.

Lindo, o crepusculo de Indianopolis!

Alguns momentos, mais, e esse espectaculo maravilhoso, vae aos poucos se metamorphoseando, vae escurecendo, escurecendo...

Não menos admiravel, uma outra visão surge, opposta á primeira, com um manto negro e avelludado a se extender pela campina, manto tauxiado de estrellinhas prateadas, circundando Diana — a noite.

Indianopolis, já não sorri, mas é lindo ainda, na sua quietude, no seu silencio, quebrado de vez em quando, pelo ganido triste de um cão, ao longe, ou pela melancholica orchestra de habitantes de um charco distante...

E nessa hora da meigo e suave encanto, meu espirito, fascinado ante a magia do quadro, transia-da-se a outro recanto não menos poetico e algo distante, que deixei a um anno, levada pela força das circunstancias.

São saudades que afloram ao meu pensamento!

Jundiahy, querida, surge então á minha alma, envolta num veo que nubla o meu semblante e eu pergunto mentalmente:

— O presente valerá o passado?

São Paulo - 15 - 4 - 29

Genoveva Lourenço

Cousas de Minha Terra

Scenas de Mercado

1.º QUADRO

Uma praça de mercado. Movimento matinal de carros, carrinhos, carroças e caminhões. Vai e vem electrisante de verdureiros, verdureiras, negras minas tagarellas, pernudas creaditas pernosticas. Oito horas da manhã. Uma manhã de sól bonito, como só as manhãs de verão teem a felicidade de possuir. Lá dentro, em fila, postam-se vehiculos de variadas especies, cujos proprietarios expõem ao publico avido de «boia» suas especialidades. A um canto expremido do portão, um burro coxilla, somnolentamente, atrellado a um centenario carroção. Revê talvez, seu passado outr'ora faustoso. Antigamente possuia indumentarias prateadas; hoje, só lhe resta um archaico arreio, costurado as pressas com barbante «3 F». Que fazer! O mundo evoluiu... Da nobreza fidalga, já nem o titulo possue!... De vez em quando, levanta a cabeça, para espantar as moscas importunas, ou, então, espiar as horas no grande relogio da natura. Pensa. Como custa passar o tempo! No grande corredor cimentado, Patus, indo e vindo, sem cessar, de carabina ao hombro, num uniforme muito branco, abanando-se elegantemente garante a ordem. Está de sentinella. De vez em quando cospe de lado. Entrepara um instante: vê que naquella salada russa, naquella babylonica Varsovia, reina calma, e continua em «motu continuo». Cuspiu mais uma vez. Resmunga, agora, porque escorregou em uma casca de banana!

2º. QUADRO

Azinus, está impaciente. Faz calor e seu dono muito desbocado o irrita; não sabe tratar a freguezia. As vezes olha para traz a ver se a mercadoria está se esgotando. Não vê chegar a hora de ir para casa saborear gostosa alfafa. E pensa: A! se eu não fosse burro!... Coça-se. Que moscas impertinentes. Safa!... As vezes boceja. Continuamente abana-se para refrescar. Um noroeste morno sopra de mansinho. E a aragem fresca da manhã se confunde. Erecto, firme no seu posto, convicto do seu cargo, Patus, marcha cadenciadamente. Tirou uma «linha» de Azinus. Levou ao nariz seu alvissimo lenço de fina cambraia. Azinus tossiu «garrotilhamente». Patus, cuspiu, nervoso, duas, tres cusparadas que mancharam o cimento lavado a pouco.

CASA DE Encanamentos

Cyriaco Vidilli

Rua Barão de Jundiahy, 55

3º. QUADRO

Um gato, na taipa, com olhos ternos, de namorado em madrigaes, olha uma gaiola dependurada, onde vive uma rola. Se eu te pego! Verás quantas canôas serão precisas para se fazer... um cabo de vassoura! Que petisco!...

Um açougueiro, muito gordinho, baixinho, com muitos «inhos» afia na calçada, seu aguçado punhal. Um cão, vagabundo, vendo-se sem vigilancia, arrasta presa pela bocca a perna de um patricio «molar». Na ancia da fuga, bate na quitanda do folheiro, Funilaria que de sanda! Polvorosa á polvora secca. Apitos de guarda. Paus, pedras, chicotadas que estalam no ar... Nada!... O ladrão já está a são e salvo no olho da rua. Patus, a sentinella, reclama:—Que «bagunça» é esta? Já começa a anarchia?

Azinus, boceja indifferente. Refresca-se. Bichano aproveita a confusão e... záz, na gaiola. Era uma vez a rola mansa dos queixumes. Arrulhou debalde. Nova barulhada. Chora a quitandeira que perdeu a pomba. Objecto que mais estimava!... Tiros de pistola que partem para o lado do muro. Não vê que bichano é trouxa!...

4o. QUADRO

(Apotheose)

Azinus está amolado, Não podendo coxillar socegado, «nevrotico», indaga : - "Que barulho é esse? Isto aqui não é Torre de Babel! Patus, trilla, raivoso. Volta a calma no mercado. Recomeça a disputa pela « boia ». —

— Isto por dois mil reis? É muito caro. Vá roubar nos quintos!.

— Má per Dio . . .

— Perdeu o que, seu idiota ? . . . Eu tenho culpa disso ?

Patus, antevendo sarilho grosso, ensarilha armas. Isto precisa acabar de vez?! E dá ás de Villa Diogo! Pernas, p'ra que vos quero ?

Azinus, tambem perdeu a calma e . . . começa a fazer provisão de biscoutos. Não sabe quanto tempo tem que andar ainda! . . . Um leitãosinho, gorduchinho, russino, grunhe a seus pés satisfeito da vida. Encheu a sachola e lá se foi todo lampeiro, esconder o « achado », deixando Azinus, a sòs, que boceja e refresca-se. A viração é subtil. Um perfume, confunde-se com a brisa sussurrante e leve que passa, qual concurrente a Houbigant . . .

Mary Netti

Cooperativa do Povo
de
SALVADOR JRROSLAVSKY

Moveis de todos os estylos. Completo sortimento de tapetes, oleados e passadeiras das afamadas marcas «Congoleum» e «Linoleum». Confecção de casacos para senhoras, capas e roupas para homens. A casa mais sortida no genero! Preços os mais BARATOS! Facilita-se o pagamento

Rua Barão de Jundiahy N. 77

CASA DE MODAS

Fazendas, Modas e Armarinho. Chapeos para Senhoras e Creanças

MADAME MARIA CARLETTI

Rua Barão, 87 - JUNDIAHY - Telephone, 297

Salão Americano
de
Raphael Ungaro
Rua do Rosario, 65 - PHONE, 261

O proprietario, contando com officiaes peritos, faz sciente que está apto para servir ao mais exigente freguez. Serviço feito com hygiene e perfeição. Attende á domicilio. — Grande sortimento de perfumarias finas. — Annexo, com entrada independente, um bem montado gabinete para senhoras, obedecendo aos seguintes preços :
Dias de semana 2$500
Sabbado 3$000

Confeitaria Sereno

Bebidas finas, Licores, Aperitivos, Vinhos, Aguas Mineraes e refrescos. Doces, fructas, Chocolates, Charutos e Cigarros.

Antonio Sereno

Rua Barão de Jundiahy, 118 — Largo da Matriz JUNDIAHY

Casa Lima

com Armazem de Seccos e Molhados finos, Louças, ferragens, etc.

J. LIMA & CIA.

Rua Vigario J. J. Rodrigues, 28
Phone, 112 — Entrega a domicilio
Jundiahy

CASA OLIVEIRA

FUNDADA EM 1895

Completo sortimento de ferragens, Louças e Tintas. Cimento, Arame farpado, Telhas de zinco, Formicida superior e Sementes. — Artigos de electricidade em geral. - Seccos e Molhados — Vidros para vidraças —

Saques sobre Portugal, Hespanha e Italia a cargo do Banco do Minho

A. J. Oliveira

RUA B. JUNDIAHY, 108
Telephone, 89 — Jundiaby

CORREIO DE "SULTANA"

Archibaldo Cordeiro — São Paulo — Só hoje nos foi possivel publicar o seu trabalho. muito embóra a nossa promessa de o fazer no numero passado. Vimos luctando com grande falta de espaço. E quando quizer appareça.

Genoveva Lourenço — São Paulo — Folgamos bastante em contal-a no numero dos nossos collaboradores effectivos. E essa satisfação é maior ao perceber atravez de sua composição que hoje publicamos, que a gentil conterranea, embora afastada desta terra, não a esquece. Appareça sempre que quizer. Estamos aqui para servil-a.

Lagrima Occulta — Nesta — Recebeu a lista que lhe enviamos. Enviámos pelo correio, porque nãe nos foi possivel encontral-a. As duas vezes que estivemos em sua casa, a senhorita viajára.

Normalistinha — Nesta — Sua collaboração quasi que foi publicada fóra da secção competente. Chegou um pouco tarde. Outra vez . . . mais cedo um pouco, sim ?

Mexeriqueira — Nesta — A falta de espaço obrigou-nos a cortar parte de sua collaboração. Muito a contra gosto o fizemos. Mas que fazer?

Perolla Pallida — Nesta — A sua idéa é boa. Mas estará disposta a assumir mais esse compromisso ? Nós sò teremos satisfação com isso. As boas ideas são sempre bem acolhidas.

João Sant'Anna — São Paulo — Porque não appareceu este mez ? Nós aguardamos anciosos a sua colaboração. Perguntámos a razão do seu silencio ao Alfredo, mas elle não nos poude dar. Contamos comsigo para o proximo mez.

Mary Netti — Nesta — Publicamos, porque não ? « Deixal-os falal-os . . . « Esperamos a continuação.

J. C. Barros — Jacarésinho — Paraná — Infelizmente nos é inteirameute impossivel attender ao seu desejo. Muito embora a edição do mez passado fosse maior, exgotou-se inteiramente. Não temos nem um numero. Quando encontrarmos o snr. Cassalho daremos o seu recado. Pedimos recommendar-nos ao Léo Junior.

Trebeis — Nesta — Como vera apòs a leitura deste numero, attendemos ao seu desejo. Alliaz, sempre que nos for possivel, satisfaremos os pedidos dos bons amigos.

Léo Junior — Curityba — Paraná — Recebemos seu telegramma. que hoje transcrevemos; seu cartão; collaboração e os numeros do « ITYBERE ». No proximo numero diremos algo a respeito. No presente numero reservamos uma surpresa para si. Della, deduzirá que de ha muito já que o conhecemos. E bastante gratos pelos dizeres de seu gentil cartão. Podemos contar comsigo para o proximo numero ? Recebeu nossa carta, os jornaes e as revistas ?

Peter Pan — Nesta — Ahi vão os seus versos futurista. Não se esqueca da continuação das receitas. Os doentes estão muito precisados. . .

A. C. — Nesta — Tudo depende de começar e agora que começou a collaborar para « Sultana », é continuar. Publicamos hoje os seus inspirados versos.

Francisco Pessolano — Campo Limpo — Estampamos hoje a sua ultima collaboração que estava em nossa pasta. Teremos alguma cousa mais para o proximo numero ?

Raul Osuna Delgado — Avaré — Salve! Tardou mais appareceu. Estavamos preoccupados com o seu silencio. Parabens pela idea. «A Penna» vencerá.

Duilio Gambini — Avaré — Extranhou por certo o nosso ultimo « Correio » ! Dissemos que nada mais restava de sua auctoria em nossa pasta, mas nos enganamos. E para provar ahi vae hoje o seu ultimo soneto. Agora é o ultimo de verdade. Os parabens que apresentamos ao Delgado, são extensivos a si. Prodiga.

Santa Melillo — São Paulo — Estampamos hoje a vossa linda poesia. Percebe-se atravez della a vossa magnifica inspiração e a fina educação do vosso espirito. Contamos certos com a vossa habitual collaboração.

Cidinha — Nesta — Não podemos responder a sua pergunta sobre Lia. Ainda não temos uma organisação completa sobre o assumpto. Estamos trabalhando para isso. E' porem, possivel que dentro em breve possamos dizer alguma cousa. Quer esperar?

Julio Cortez — Campinas — Conhecemos. Temos até relações de amizade com elle. Não sabemos a razão de sua pergnnta. Nutre algum despeito.

JOÃO DO ORIENTE.

AH
MABS

(Pertencia ao acervo de Armando Colaferri)